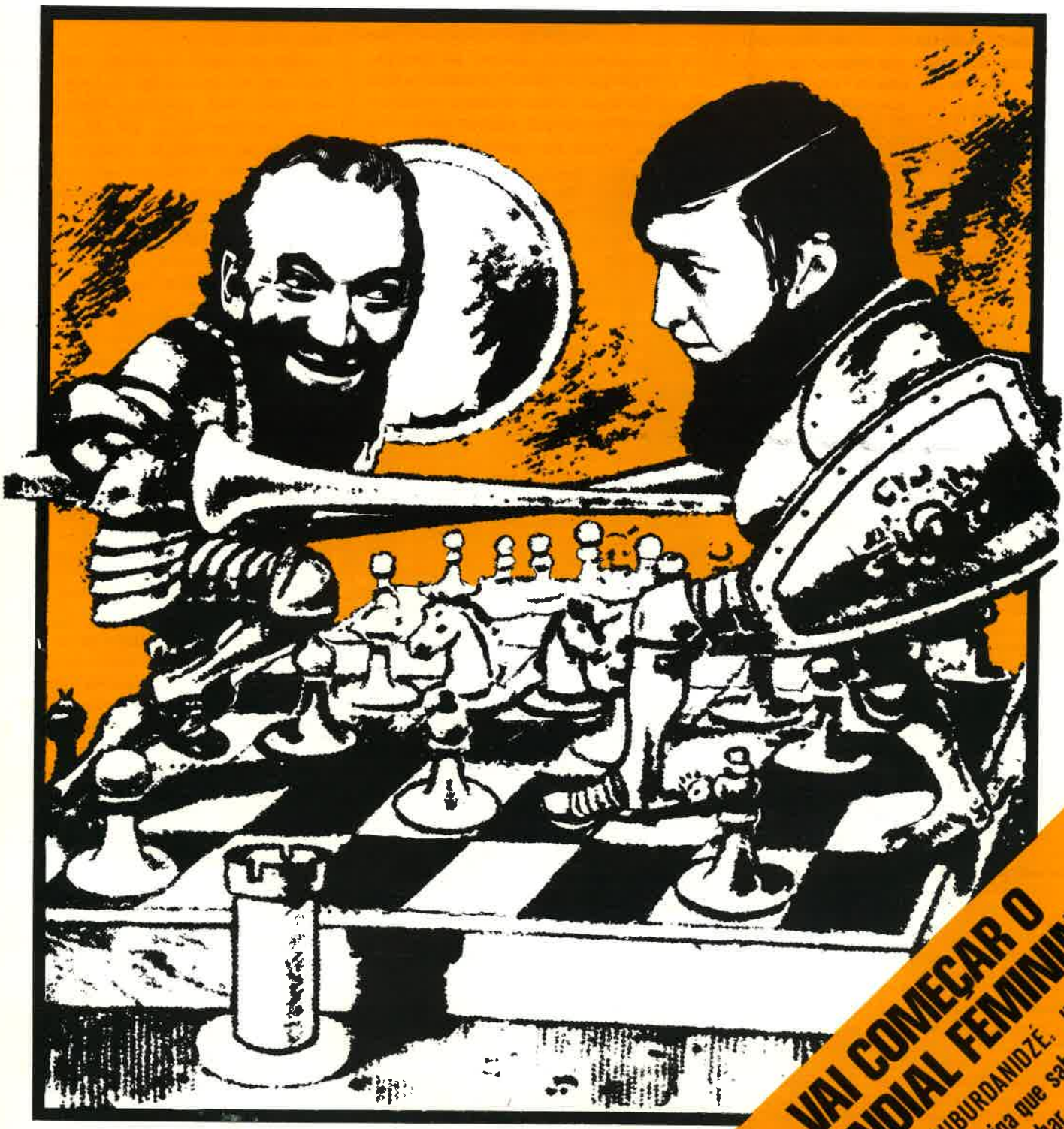
II SÉRIE Nº 17 AGOSTO 1978 Pr.15$00

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez

A MARCHA DO CAMPEONATO DO MUNDO DE XADREZ



VAI COMEÇAR O MUNDIAL FEMININO

MAIA CHIBURDANIDZÉ, uma rapariga que sabe ganhar.

REVISTA PORTUGUESA DE
xadrez

II SÉRIE — N.º 17 — AGOSTO 1978

(periodicidade mensal)

SUMÁRIO

82 **Nacional**
83 **Chiburdanidze, uma rapariga que sabe ganhar**
84 **Olimpíada por Telex — U.R.S.S. vence Holanda**
85 **João Assunção na Bélgica**
86 **II «Aberto» da Guarda**
87 **Campeões e campeonatos do Mundo**
88 **Problemas — Turton & C.ª**
89 **Soluções**
90 **O match Karpov - Korchnoi**
95 **Nacional**
96 **Os loucos de Cabo Ruivo**
97 **O meu melhor sacrifício**
97 **IX Olimpíada por Correspondência — Portugal vai em terceiro**
99 **Temas tácticos — Cuidado com o tártaro!**
100 **Internacional**
100 **Para resolver**

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — **Sede da redacção e administração:** Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Fernandes, Alvaro Pereira,, José Oliveira (chefe de redacção), José Pereira dos Santos, José de Sousa, Luís Santos, Rui Nascimento, Rui Silva Pereira, Sobreda Antunes, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirino, Vítor Cardoso — **Colaboram neste número:** António Ferreira, António P. Santos, Fernando Silva, João Assunção, João Cordovil, Leonor Pires, Miguel Costa — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos — **Correspondentes:** Cássio Martins (S. Paulo-Brasil), Joaquim Serra (Setúbal), Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Costa, Isabel Rodrigo, José de Almeida

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freirinha, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15$00 — **Assinatura semestral:** 80$00 — **Assinatura anual: Portugal:** 150$00, **Espanha:** US$4.50, **Europa e países africanos de expressão portuguesa:** US$6.00, **Restantes países:** US$8.00, ou o equivalente noutras moedas. Números atrasados: 15$00.

NACIONAL

Aveiro

Grupo Juvenil de Travassô — Participaram oito concorrentes no torneio interno deste grupo, que decorreu em «poule», sendo de salientar o facto do vencedor, Mac Laranjeira, ter ganho todos os jogos que disputou. Seguiram-se-lhe José Matos com 6 pontos, Geraldo Estima, Serafim Andrade e Rui Reis, todos com 3 Horácio Dias e Rui Alexandre, com 2,5 e Carlos Esmeraldo com 1.

Braga

I Campeonato de xadrez por equipas do Distrito de Braga — Disputou-se nos meses de Maio, Junho e Julho o I Campeonato de xadrez por equipas do Distrito de Braga, organizado pela Delegação Distrital da DGD e no qual participaram os vários núcleos locais.

Apesar de ser a primeira prova do género organizada pela DGD, participaram dezasseis equipas, constituidas por seis elementos, envolvendo noventa e seis praticantes. O campeonato disputou-se em três fases, local, concelhia e distrital, tendo ficado apuradas cinco equipas para esta última fase, a derradeira, e que forneceu a seguinte classificação final:

1.ª, Associação de Moradores de Arcozelo, 12,5 pontos; 2.ª, Associação dos Naturais e Ex-residentes de Moçambique, 11,5; 3.ª, Associação Recreativa e Cultural das Antas, 9; 4.ª, Grupo Desportivo de Cervães, 4; 5.ª, Clube de Campismo de Barcelos, 3.

Castelo Branco

Campeonato Distrital — Apenas dez concorrentes tomaram parte neste Campeonato Distrital, que se disputaria ainda em sistema suíço, fornecendo assim um reduzido número de jornadas, apenas quatro. Classificação: 1.º, António Horta, 3 pontos; 2.ºs, João Belo e António Rito, 2,5 .

Guarda

Campeonato Distrital — Também a Guarda organizou o seu campeonato distrital, disputado em duas fases, a primeira das quais de carácter qualificativo. Nesta tomaram parte doze concorrentes, divididos em duas séries, tendo sido apurados para a fase seguinte os três primeiros de cada. Porém, foram repescados os quartos classificados dessas séries, atendendo à impossibilidade de António Rodrigues e Marino Ferreira estarem presentes na final.

A classificação final foi a seguinte: 1.º, António Ferreira, 5 pontos; 2.º, Fernando Bento, 4; 3.º, Fernando Badana, 3.

Leiria

Campeonato Distrital — Doze xadrezistas divididos em duas séries, disputaram a fase preliminar do Campeonato Distrital de Leiria, tendo sido apurados para a fase final os dois primeiros de cada. Nelson Simões viria a sobrepor-se aos restantes participantes e venceria este torneio com 3 pontos, vencendo todas as partidas. Em segundo ficou António Ruivo com dois pontos, seguindo-se-lhe Luís Ascenso com um ponto e José Matos com zero. Como curiosidade refira-se o facto de não se ter verificado qualquer empate nesta fase final.

Casa do Povo de Monte Real — Disputou-se nas instalações da Casa do Povo de Monte Real o torneio interno do seu grupo representativo, que se desenrolou segundo as normas do sistema suíço em sete jornadas e no qual se inscreveram treze concorrentes. A classificação dos primeiros foi a seguinte: 1.º, Vítor Cardoso, 5,5; 2.º, Luís Ascenso, 5,5; 3.º, Nelson Simões, 5.

Lisboa

«Verão 78» no Estoril — Organizado pelo Estoril Praia, decorreu o torneio «Verão 78», onde tomaram parte onze concorrentes. A prova disputou-se em «poule», tendo vencido Carlos Sousa com 7,5 pontos, seguindo-se José Leal com menos meio-ponto e Miguel Costa com 6,5. De referir que este torneio só viria a ser concluido duas semanas após a realização da última jornada, em face das partidas suspensas terem ficado à espera da disponibilidade dos seus intervenientes.

Portalegre

Campeonato Distrital — Quarenta e dois jogadores intervieram na fase preliminar do Campeonato Distrital de Portalegre, o que dá uma ideia da movimentação xadrezística nesta região. Esta fase disputou-se em sistema suíço de seis sessões, ficando qualificados para a fase final os três primeiros das duas séries.

A fase final, disputada em «poule», forneceu a seguinte classificação: 1.º, Nuno Amaral, 4,5; 2.º, Manuel Dourado, 3,5; 3.º, José Samarra, 3,5.

«O Elvas» — Classificação final do Torneio interno deste grupo: 1.º, João Pires, 8,5; 2.º, Manuel Frias, 8; 3.º, José Silva, 7. Participaram onze concorrentes e a prova disputou-se em «poule».

Ass. Desportiva Castelo de Vide — Carlos Busca venceu o torneio interno desta Associação sem ceder pontos, seguindo-se-lhe Pedro Mendonça com 4 pontos e Carlos Borracho com 3. Concorreram seis jogadores e a prova disputou-se em «poule».

Compilação de JOSÉ DE SOUSA

XADREZ FEMININO

M. Chiburdanidze, uma rapariga que sabe ganhar

• Match feminino começa este mês

— Até agora, as partidas que joguei com Nona Gaprindashvili têm terminado invariavelmente com a minha derrota. Excepto numa simultânea organizada há cinco anos pela Televisão da Grécia; Nona jogava então com as oito melhores jogadoras da República, e eu consegui a única vitória. Por outro lado, no Campeonato da URSS perdi duas partidas. Estou portanto em nítida desvantagem — foi esta a resposta diplomática dada por Maia Chiburdanidze ao correspondente da APN que a entrevistava; este tinha-lhe perguntado quais eram os seus planos em relação ao *match* para o título mundial com a «rainha do xadrez».

Maia acrescentou:

— Em geral, detesto perder. Mas tanto eu como a maior parte das minhas colegas soviéticas consideramos Gaprindashvili como um leader *incontestado, um padrão de campeã. Além disso, não constitui segredo que o grande interesse que o xadrez feminino suscita na Geórgia se deve, em primeiro lugar, aos notáveis sucessos de Nona Gaprindashvili.*

A minha interlocutora tem 17 anos, e é considerada um fenómeno excepcional no mundo do xadrez. Tendo começado a disputar os seus primeiros torneios aos 8 anos de idade, quatro anos mais tarde despertava já a atenção dos dirigentes da primeira selecção soviética. Em 1973, ao defender as cores da URSS num *match* tradicional contra a Jugoslávia, bateu por 4:0 a campeã jugoslava Vlasta Kauchbrener-Macek. O grande-mestre Borislav Ivkov não reteve a exclamação: «*Mas é um Fischer a valer!*»

Um ano mais tarde, Chiburdanidze vencia o torneio de Brasov (Roménia), com mais 3 pontos do que a segunda classificada. Esta vitória valeu-lhe, quando tinha apenas 13 anos, o título de mestre internacional, o qual lhe foi concedido pelo congresso da Federação Internacional de Xadrez (FIDE) que então se reunia em Nice. Em 1977 passou a ser o mais jovem grande-mestre do mundo.

Já detentora deste título máximo, Maia tem continuado a provar que o seu lugar é entre aqueles que gostam e sabem muito bem ganhar. No final de 1977, conquistou o título nacional de URSS e, mais recentemente, o direito de disputar o título mundial a Nona Gaprindashvili, tendo afastado, na final dos *matches* de candidatos, Alla Kuchnir (1), adversária experimentada, que já por três vezes disputou *matches* com a actual campeã do mundo.

— Embora esteja satisfeita com os meus resultados desportivos nas partidas de Bad Kissingen — disse-me Maia *— não o estou em relação ao seu aspecto criador. Apenas em duas partidas consegui realizar os planos que tinha aperfeiçoado durante a preparação para este match.*

Perguntei-lhe quando é que tinha sentido que o *match* estava ganho, e qual o factor essencial para esta vitória. Maia respondeu-me que, ainda que no início do torneio tivesse obtido uma vantagem pontual apreciável, ela achava, tal como o seu segundo, o GM Gurgenidze, que ainda havia muito trabalho a realizar. Só no fim do último jogo é que ela teve a certeza de vencer estas partidas irregulares e mesmo nervosas.

— O nosso sucesso — diz Maia — *deve-se em grande parte ao melhor conhecimento de teoria de aberturas, que nós dissecámos sob a direcção do GM Efim Geller, notável teórico do xadrez.*

Maia não está, neste momento, disposta a falar do seu *match* com Nona Gaprindashvili, dos seus planos e muito menos do seu programa de preparação.

— O que é que aprecia mais no xadrez?

— Penso que o xadrez é uma arte — responde M. Chiburdanidze. *— Esta opinião coincide com a do GM Gulfeld, meu actual treinador.*

— Porque é que joga com tanta frequência torneios masculinos?

— É uma das formas de preparação para as competições femininas — diz M. Chiburdanidze. *— Queria dizer à passagem que já registei vitórias em torneios masculinos: estou a lembrar-me da Taça de Tbilisi e da Taça do Palácio de Xadrez de Tbilisi, em que venci pela primeira vez mestres do sexo masculino.*

Nascida na velha cidade georgiana de Kutaisi, Maia vive actualmente em Tbilisi, capital da Geórgia soviética. Estuda numa escola secundária, e tem que fazer, este ano, os exames de fim de curso. Será que o xadrez a não impede de ser uma boa aluna?

— Pelo contrário, ajuda-me a estudar — responde Maia sem hesitar. *— O xadrez disciplina e molda o carácter, e favorece a evolução do indivíduo e esta opinião não é exclusivamente minha. De resto, contigo sempre boas notas.*

Maia Chiburdanidze informou-me dos seus planos imediatos: depois de terminar o liceu, tenciona entrar na Faculdade de Letras da Universidade de Tbilisi, onde se queria especializar em literatura e no antigo idioma da República da Geórgia.

— Penso que os exames do liceu e os de admissão à Faculdade não me impedirão de preparar-me para o match *para o título mundial* — diz Maia para terminar. *— Uma das etapas desta preparação será o torneio internacional de Budapeste, (2).*

DAVID IMEDACHVILI

(traduzido do francês por LEONOR PIRES)

(1) Ver R.P.X. n.º 12

(2) ...Que Maia, por sinal, venceu — ver R.P.X. n.º 15.

Caro Leitor:

Aquilo que nos parecia perfeitamente evitável vai acontecer: a partir de Setembro, o número avulso da R.P.X. passará a custar 25$00. Medida já sugerida pela Direcção da F.P.X. no pincípio do ano e perfeitamente justificada pelas circunstâncias (falta de verba, aumento dos custos e outras), tem vindo por nós a ser teimosamente protelada, na esperança de que algo se modificasse. O que não aconteceu. Os apelos que oportunamente Gonçalo Leal e Vasco Santos aqui lançaram apenas encontraram respostas isoladas, que, embora vultosas, foram em número reduzido. Os subsídios com que a F.P.X. e a D.G.D. nos vêm mantendo tornaram-se insuficientes. Chegou portanto a altura de cedermos ao antipático aumento, salvando por agora as assinaturas, que, até Outubro, manterão as actuais condições.

Queremos ainda esclarecer dois pontos.

Primeiro — a nossa teimosia em manter preços não é, como já nos acusaram, baseada no orgulho de termos a revista de xadrez mais barata do mundo, como ela era a 15$00. Não é também para defesa daquele leitor que semanalmente vai à tabacaria mais próxima e se aprovisiona de leitura para toda a família, e para quem mais 10$00 mensais não contam. É que existe um tipo de leitor, que é, por exemplo, o aluno das escolas primárias do interior, aquele que virá a ser o sustentáculo da expansão do xadrez nacional no futuro, cujos pais, por motivos óbvios, não compreendem a vantagem do jogo, e para quem 10$00 correspondem a menos dez carcaças na alimentação. Ele necessita da nossa revista para que o xadrez lhe venha a ser realmente útil, e só pode tê-la se ela for barata.

Segundo ponto: mesmo a 25$00 o leitor só está a pagar metade daquilo que tem nas mãos — o papel, as letras e desenhos, e o trabalho de lho fazer chegar. Isto é, tipografia e distribuição. O resto, as ideias, são-lhe dadas gratuitamente pela equipa de técnicos que aqui trabalha sem qualquer remuneração. E são bons técnicos, como o leitor certamente já se apercebeu. Bons técnicos que ainda se não tecnocratizaram, porque isto da tecnocracia, como o leitor compreenderá mais tarde ou mais cedo (supomos que cedo) paga-se bem.

SIMÕES NUNES

U.R.S.S. vence meia-final contra a Holanda

A Holanda, após bater o nosso país por 5:3, viu-se emparceirada para a eliminatória seguinte com uma pêra nada doce: a União Soviética

Com a vitória assegurada no *match* (4½:2½ e uma partida por adjudicar) a URSS é agora uma das candidatas à vitória final na I Taça FIDE/ICCF, também denominada Olimpíada de Telexadrez.

Marcado o traçar de armas para 27 de Maio, a Holanda não pode contar com o seu campeão nacional, Timman, então a jogar em Roterdão após a sua algo desastrosa participação numa «aventura no oeste», mais precisamente em Lone Pine. Também não pode utilizar Sosonko, o «vice», então por terras cariocas, onde viria a obter um 5.º lugar em S. Paulo, nem Böhm, a participar num torneio em Beverwijk.

Assim, os seus dois primeiros tabuleiros viriam a ser defendidos por Ree e Ligterink. O primeiro, apesar de ter escolhido uma linha empatativa, foi superado, com aparente facilidade, por um Polugaievsky que cada vez mais admiramos pela simplicidade com que rompe e decide posições. No segundo tabuleiro, se bem que a União Soviética tivesse utilizado Gulko, um dos covencedores do seu 45.º Campeonato Nacional, Ligterink não deixou escapar um erro adversário logo no fim da abertura, castigando o seu opositor com uma miniatura.

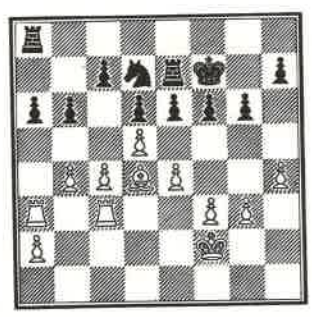
Nos três tabuleiros seguintes registaram-se empates. No terceiro houve uma troca no lance inicial: a partida começara aparentemente com 1. d4 g6 2. c4 Bg7 3. Cf3 d6 4. g3 Bg4 5. Bg2 c5 6. 0-0 Cc6, e só quando, no 7.º lance, Tukmakov pretendeu jogar d5 se descobriu que o holandês não estava a jogar uma Índia de Rei, mas uma Pirc! Isto confirma a maleabilidade do jogo moderno, em que a estrutura das linhas semi-abertas, devido à não entrada imediata em conflito de peões no centro, mas ao seu controlo a distância, pode ser adaptada a diversos tipos de variantes. No 4.º e 5.º tabuleiros, uma série de mal-entendios fizeram com que o resultado final de ambos fosse aceite em conjunto, após intervenção do árbitro holandês e actual presidente da FIDE, Max Euwe.

No 6.º tabuleiro, após luta ardorosa a partida encontra-se para adjudicação. E foram os dois últimos tabuleiros que fizeram pender o real potencial soviético a seu favor, com vitórias de Achsarumova e do campeão do mundo de juniores, Jusupov. Se é certo que no tabuleiro feminino, o 7.º, Katy van der Mije foi substituida por Vreeken por se encontrar de férias após a sua vitória no Campeonato Feminino holandês, também é verdade que a formação soviética dispensou algumas (bastantes) das suas estrelas mais fortes.

A rádio e a TV deram uma importante cobertura ao desenrolar dos acontecimentos, contribuição que lamentavelmente faltou em Portugal quando do *match* com a Holanda.

POLUGAIEVSKY — REE
Índia de Dama

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. Cf3 b6 4. g3 Bb7 5. Bg2 Be7 6. 0-0 0-0 7. Cc3 Ce4 8. Dc2 Cxc3 9. Dxc3 Be4 10. Td1 Bf6 11. Bf4 Cc6 12. Ce5 Bxg2 13. Rxg2 Tc8 14. h4 Ce7 15. Cg4 Cg6 16. Cxf6+ Dxf6 17. Bg5 Df5 18. f3 Ch8 19. Dd3 Dxd3 20. Txd3 f6 21. Bd2 Cf7 22. Ta3 Ta8 23. b4 a6 24. Tc1 d6 25. Rf2 Tfc8 26. d5! Te8 27. e4 Ce5 28. Bf4 Cd7 29. Be3 Te7 30. Tcc3 Rf7 31. Bd4 g6



32. c5! bxc5 33. bxc5 exd5 34. c6! Ce5 35. exd5 Tb8 36. Tab3 Tb5 37. Txb5 axb5 38. Tb3 b4 39. Rg2 Te8 40. Txb4.

Agora as pretas poderiam ter continuado com 40... Ta8 41. Bxe5 fxe5 42. Tb7 Txa2+ 43. Rf1 Td2 44. Txc7+ Rf6 45. Txh7 Txd5 46. g4 Tc5 47. c7 e, se ainda e4 48. fxe4 Re5, 49. h5! decidiria. Por isso, 1:0

LIGTERINK — GULKO
Pirc

1. e4 g6 2. d4 Bg7 3. Cc3 d6 4. f4 Cf6 5. Cf3 0-0 6. Be2 c5 7. dxc5 Da5 8. 0-0 Dxc5+ 9. Rh1 Cc6 10. Bd3 Bg4 11. De1 Dh5 12. Bd2 e5? 13. fxe5 Cxe5 14. Cxe5 Dxe5 15. Bf4 Dc5 16. Dg3 Tfd8 17. e5! dxe5 18. Bg5! e4 19. Bxf6 exd3 20. Dxg4 Bxf6 21. Ce4 Dxc2 22. Cxf6+ Rg7 23. Dh4 h6 24. Cg4 1:0

TUKMAKOV — WIJGERDEN
Holandesa

1. d4 d6 2. c4 g6 3. g3 Bg7 4. Bg2 f5 5. Cf3 Cf6 6. b3 0-0 7. Bb2 c6 8. 0-0 a5 9. Cc3 Ca6 10. d5 Bd7 11. Cd4 Tc8 12. Dc2 Cc5 13. Tab1 Db6 14. Ba1 Tfe8 15. Tfd1 Tcd8 16. a3 e5 17. dxe6 Bxe6 18. b4 axb4 19. axb4 Cce4 20. Cxe4 Cxe4 21. Bxe4 fxe4 22. Cxe6 Txe6 23. Bxg7 Rxg7 24. Dc3+ Rg8 25. Td4 Dc7 26. De3 De7 27. Ta1 Tf8 28. Tad1 Tf7 29. h4 Tf5 30. Ta1 Tf8 31. Tad1 Tf5 32. Ta1 Tf8 33. Tad1 ½:½

HARTOCH — BELIAVSKY
Gambito Evans

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. b4 Bxb4 5. c3 Ba5 6. d4 exd4 7. 0-0 d3 8. Db3 Df6 9. e5 Dg6 10. Bf4 Bb6 11. Dd1 Cge7 12. Bxd3 Dg4 13. Dd2 Cg6 14. Bg3 0-0 15. Ca3 d6! 16. exd6 cxd6 17. Cc4 Bc5 18. Cxd6 Bxd6 19. Bxd6 Td8 20. Bg3 Bf5 21. Bxf5 Dxf5 22. Db2 b6 23. Tad1 h5 24. h4 Td5 25. Txd5 Dxd5 26. Db3 Td8 27. Dxd5 Txd5 28. Te1 f6 29. Rf1 Rf7 30. Tc1 Ta5 31. Tc2 Cge7 32. Bf4 Ta4 33. Bd2 Tc4 34. Re2 Cf5 35. Rd3 b5 36. g3 Cd6 37. Bf4 Ce4 38. Be3 a6 39. Bd4 Cd6 40. Tb2 Cf5 41. Cd2 Ta4 42. Bc5 Tg4 43. Tb1 Re6 ½:½

RAZUVAIEV — BOUWMEESTER
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 e6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Cdb5 d6 7. Bf4 e5 8. Bg5 a6 9. Ca3 b5 10. Bxf6 gxf6 11. Cd5 f5 12. Dd3 Bg7 13. exf5 0-0 14. De4 Cd4 15. g4 Bb7 16. Bd3 Bxd5 17. Dxd5 Tc8 18. c3!? e4! 19. cxd4 exd3 20. 0-0 Dg5 21. h3 Df4 22. Tad1 d2 23. Rg2 Bxd4 24. Df3 Dxf3+ 25. Rxf3 Bxb2 26. Cb1 Bc3? (Be5!) 27. Cxd2 d5 28. Cb3 Tfd8 29. Td3 Tc4 30. Tfd1 d4 31. g5 a4 32. Cd2 Bxd2 33. T1xd2 Td5?! 34. Re4 (se Tcc5 35. f4) ½:½

VAN SCHELTINGA — MICHAILCHISHIN
Grünfeld

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 d5 4. Bf4 Bg7 5. e3 c5 6. dxc5 Da5 7. Tc1 Ce4 8. cxd5 Cxc3 9. Dd2 Dxa2 10. bxc3 Da5 11. Bc4 Cd7 12. Ce2 Cxc5 13. f3 b5 14. Ba2 0-0 15. 0-0 e5 16. Bg5 f6 17. Bh4 Bd7 18. e4 Tac8 19. Bf2 Tfd8 20. Be3 Bf8 21. Ta1 Bd6 22. h4 Dc7 23. h5 a5 24. hxg6 hxg6 25. g4 Rg7 26. Rg2 Th8 27. Th1 e4! 28. g5 f5 29. exf5 Bxf5 30. Cg3 Dd7 31. Txh8 Txh8 32. Th1 Txh1 33. Rxh1 Cb3 34. Db2 Bd3! 35. Dh2 Df7 36. Rg2 Dxd5 37. Dh6+ Rg8 38. Dh3 Be7

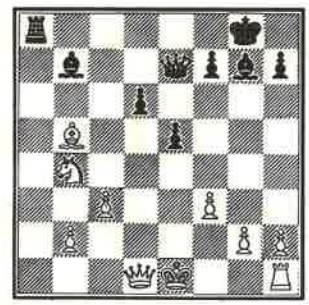
39. Dc8+ Rf7 40. Rf2 De6 41. Dh8. E, nesta interessante posição, a partida seguiu para adjudicação.

ACHSARUMOVA — VREEKEN
Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 g6 4. 0-0 Bg7 5. c3 d6 6. d4 Bd7 7. d5 Cce7 8. Bxd7+ Dxd7 9. c4 Ch6 10. Cg5 0-0 11. f3 c6 12. Cc3 cxd5 13. cxd5 Rh8 14. Be3 Chg8 15. Dd3 h6 16. Ch3 a6 17. a4 f5 18. a5 f4 19. Bd2 Tae8 20. b4 Cc8 21. b5 axb5 22. Cxb5 Bf6 23. Tfc1 Bd8 24. Cf2 Cce7 25. Bb4 Cc8 26. Txc8! Dxc8 27. Cxd6 Dd7 28. Cxe8 Txe8 29. Dc3 h5 30. Cd3 Dg7 31. Bd6 g5 32. Tb1 g4 33. Bxe5 Cf6 34. Rh1 gxf3 35. gxf3 Rh7 36. Tg1 Df7 37. Bxf4 Dd7 38. Cc5 Db5 39. Ce6 Tg8 40. Cxd8 Txg1+ 41. Rxg1 1:0

VAN DER WIEL — JUSOPOV
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 e6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Cdb5 d6 7. Bf4 e5 8. Bg5 a6 9. Ca3 b5 10. Bxf6 gxf6 11. Cd5 f5 12. c3 Bg7 13. exf5 Bxf5 14. Cc2 0-0 15. a4 Ce7 16. Cxe7+ Dxe7 17. Cb4 Be4! 18. f3 Bb7 19. axb5 axb5 20. Txa8 Txa8 21. Bxb5



21... d5! 22. Be2 Dc5 23. Dd2 e4 24. fxe4 dxe4 25. Bd1 e3 26. Dd3 Dg5 27. Cc2 Bxg2 28. Tg1 Dh4+ 29. Re2 Df2++

SOBREDA ANTUNES

TORNEIO INTERNACIONAL DE SCHILDE

João Assunção na Bélgica

Disputou-se de 6 a 14 de Julho na vila belga de Schilde um torneio internacional para jovens xadrezistas com idade inferior a 18 anos, em que esteve presente o juvenil português João Assunção, classificado no 5.º posto do Campeonato Nacional da categoria (ver RPX n.º 13).

Participaram vinte jogadores de quinze países, saindo vencedor o soviético Azmaiparashvili, com o mesmo número de pontos que Nikolic, o jugoslavo que ganhou o último Torneio da Juventude de Viana do Castelo. Cedo se verificou que só um deles sairia vencedor, já que o jugoslavo só tinha perdido com o soviético, que, por sua vez, apenas tinha cedido um ponto ao suíço Züger, numa partida em que, por sinal, jogou bastante mal.

Assunção classificou-se em 15.º lugar, obtendo 3½ pontos dos 9 que o sistema suíço poderia permitir.

A sua opinião: «*As relações de sã camaradagem, no bom sentido do termo, que se verificaram entre todos os jogadores são uma das provas de que estes torneios são importantes*». E acrescenta: «*Servem não só para os jogadores desenvolverem as suas faculdades xadrezisticas e ganharem a chamada experiência internacional*».

J. ASSUNÇÃO (Port) —
— P. NIKOLIC (Jug)
Pirc

1. e4 g6 2. d4 Bg7 3. Cf3 d6 4. Cc3 Cf6 5. Be2 0-0 6. 0-0 c6 7. a4 Dc7 8. h3 e5 9. Be3 Cbd7 10. Dd2 Te8!? 11. dxe5 dxe5 12. a5 (aqui talvez seja melhor 12. Tfd1) **Bf8 13. Bc4 Cc5 14. Cg5** (interessante seria Bxc5) **Ce6 15. Tfd1** (agora esta posição é teórica, mas as brancas têm um tempo a menos) **Bb4 16. f3 Cxg5** (se 16... Bxa5 17. Txa5!? Dxa5 18. Cd5 Dd8 19. Cxe6 Bxe6 20. Cxf6 Dxf6 21. Bg5 Dh8 22. Bxe6 Txe6 23. Dd7, tendo as brancas alguma compensação pela qualidade) **17. Bxg5 Ch5 18. Bd8 Db8 19. Bg5 Cf4 20. Ta4 Bc5+ 21. Rh2 Be6 22. Ce2 Bxc4 23. Txc4 Ce6 24. Bf6 Be7 25. Bxe7 Txe7 26. Tc3** (26. a6! é sem dúvida mais forte para as brancas) **Dc7 27. Td3 b6 28. axb6 axb6 29. Td7?!** (29. Dc1, com a ideia de jogar T1d2 e Dd1, dava às brancas alguma vantagem devido à posse da coluna *d*) **Txd7 30. Dxd7 Dxd7 31. Txd7 Ta2 32. Td6 Txb2 33. Txc6 Rg7** (nesta posição, as negras têm vantagem, devido à possibilidade de avançarem o peão e devido à actividade da torre em *b2*) **34. Rg3** (se 34. Cc1 Cc5, e as negras têm vantagem) **h5 35. Rh4?** (35. Rf2 h4! e a negras têm vantagem de espaço; talvez seja de tentar 35. h4, com a ideia de levar o rei a *c1*) **b5 36. g3?** (36. Rg3 era a única chance de as brancas lograrem o empate; depois do erro da partida, e pura questão técnica) **b4 37. f4 b3 38. fxe5 Txc2 39. Txc2 bxc2 40. g4 g5+ 41. Rg3 h4+ 42. Rh2 Cf4 43. Cc1 Rf8 44. Rg1 Cxh3+ 45. Rf1 Cf4 0:1**

João Assunção

(comentários de JOÃO ASSUNÇÃO/
/ANTÓNIO P. SANTOS

VILLERMAIN (França) —
— AZMAIPARASHVILI (URSS)
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 Cc6 6. Bc4 e6 7. Be3 Be7 8. De2 Dc7 9. Bb3 a6 10. 0-0-0 Ca5 11 g4 b5 12. g5 Cxb3+ 13. axb3 Cd7 14. Cf5 exf5 15. Cd5 Dd8 16. exf5 Bb7 17. The1 Bxd5 18. Txd5 0-0 19. f6 Cxf6 20. gxf6 Bxf6 21. Ted1 De7 22. Txd6 De5 23. c3 b4 24. c4 Tfe8 25. Td7 a5 26. T7d5 Dxh2 27. Df3 a4 28. Th5 Dc7 29. Df5 h6 30. Td7 De5 31. Dxe5 Bxe5 31. bxa4 Txa4 33. Rc2 Ta2 34. Bc1 Ta1 35. Tf5 b3+ 36. Rd2 Bf6 37. Td3 Te4 38. Txb3 Txc4 39. Tb8+ Rh7 40. Txf6 gxf6 **0:1**

AZMAIPARASHVILI (URSS) —
— MC NAB (Esc)

— 1. Cf3 e6 2. c4 b6 3. Cc3 f5 4. d4 Cf6 5. d5 Be7 6. g3 Bb7 8. Bg2 0-0 8. Cd4 Dc8 9. 0-0 c5 10. Cc2 e5 11. e4 fxe4 12. Cxe4 d6 13. Cg5 Dg4 14. Dxg4 Cxg4 15. Bh3 h5 16. Ce6 Tc8 17. Bxg4 hxg4 18. Ce3 Ba6 19. b3 b5 20. Cf5 Rf7 21. f3 g6 22. Cxe7 Rxe7 23. fxg4 **1:0**

Classificação: 1.º Azmaiparashvili (URSS); 2.º Nikolic (Jug.) — 8; 3.º Züger (Suíça) — 6½; 4.º Di Cera (It.); 5.º Mc Nab (Esc.); 6.º Gedbert (RFA)º 7.º Cardon (Hol.); 8.º Andersen (Din.) — 5; 9.º Tangborn (EUA); 10.º Lauvsnes (Nor.); 11.º Villermain (França) — 4½; 12.º Allen (Irl.); 13.º Sadkovsky (Bélg.); 14.º Winants (Bélg.) — 4; 15.º Assunção (Port.); 16.º Cools (Bélg.) — 3½; 17.º Michiels (Bélg.) — 3; 18.º Baekelant (Bélg); 19 Barbier (Bélg.) — 2½; eliminado Evell (Ingl.).

II «ABERTO» DA GUARDA

Em ambiente nacional vitória de Fernando Silva

O Torneio Aberto da Guarda levantou, quando da sua primeira edição, em 1977, polémicas e questões, fundamentalmente sobre dois pontos: as várias sessões diárias e os prémios «em metálico».

Em relação ao primeiro destes pontos, a maioria das opiniões é a de que o esforço desenvolvido pelos jogadores ao terem de fazer duas sessões diárias lhes prejudica o nível de jogo, não constituindo por tal estas partidas um indicativo seguro, por exemplo, para efeitos de classificação Elo. Essas condições são as mesmas para todos, poderão argumentar os de opinião contrária; opinião que deverá ter em conta que nos torneios participam jogadores de experiências muito diversa, que «aguentam» de modo diferente um tal ritmo.

Quanto à segunda questão, é uma pena que nunca se tenha concretizado a polémica em torno do editorial da RPX n.º 4. Este é um problema que merece ser pensado tanto pelos benefícios como pelos vícios que poderá trazer ao xadrez em Portugal. Aqui fica, mais uma vez, a sugestão...

Quanto à classificação: mais uma vitória para o campeão nacional, que fez uma prova mais agradável de ver do que lhe é costume, arriscando por vezes, mesmo sem necessitar. A sua partida com Jorge Guimarães foi de dar calafrios, tendo escolhido uma variante considerada duvidosa pela teoria «oficial», e consentindo ao adversário a possibilidade de atacar violentamente o seu rei.

Luís Santos confirmou a boa forma que atravessa ao fazer 6 pontos contra adversários muito difíceis. Esperemos que dêem a Portugal a possibilidade de um quarto jogador participar no Zonal, pois aí poderá dar o tal «salto qualitativo».

O outro concorrente, com 6 pontos foi Luís Ochôa. Já é proverbial a sua habilidade para aproveitar a perda de um ponto a meio do torneio, de modo a encontrar umo oposição menos forte e assim atingir a última sessão em posição de vencer e simultaneamente não muito cansado. O chamado «Gambito Suíço».

Logo a seguir, aparecem «os do costume», com uma ou outra excepção. De realçar a boa prova (um pouco ao estilo de Ochôa) de Fernando Mota, assim como a pontuação feita por António Ferreira, que demonstrou boas capacidades tácticas.

RUI PEREIRA

A. FERREIRA — F. AIDOS
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 g6 6. Be3 Bg7 7. f3 0-0 8. Dd2 Cc6 9. Bc4 Dc7 (é mais frequente 9... Bd7 com a ideia de Tc8 ou Db8 ou ainda Da5 seguido de Tfc8. É ainda jogável 9... Cxd4 10. Bxd4 Be6) **10. Bb3** (as negras ameaçavam 10... Cxd4 11. Dxd4 Cg4 12. Dd2 Cxe3 13. Dxe3 Dxc4, ganhando peça. 10. Cdb5 não adianta nada, pois as negras jogam 10... Db8 seguido de 11... a6, e as brancas perdem tempos) **Ce5 11. h4 Cc4 12. Bxc4 Dxc4 13. h5 Be6** (as negras põem as cartas na mesa. Nesta posição, o seu plano deverá ser atacar na ala de dama, aproveitando a posição da dama em *c4*, apoiada pelo bispo de *e6*. Poderão atacar avançando o peão *b*, pois, depois de jogarem *b4*, o cavalo branco de *c3* tem de retirar, e a dama entra em *a2*. As brancas, naturalmente, não vão deixar fazer isso...) **14. hxg6 fxg6 15. 0-0-0 Tfc8 16. Bh6 Bh8** (este lance está na sequência de 15... Tfc8. Se as negras deixam trocar o bispo de *g7*, o ataque branco ganha rapidamente. Eu vi o lance 16... Bh8 e só joguei 16. Bh6 porque já previa o que se seguiu) **17. Cf5!?** (um sacrifício especulativo, já que é impossível calcular as variantes todas resultantes deste lance. A ideia principal é abrir a coluna *h*) **gxf5** (senão seguiria 18. Cxe7+ ou 18. Dg5) **18. Dg5+ Rf7 19. exf5 Bd7 20. Tde1** (e não 20. The1, pois esta torre vai ser precisa na coluna *h*) **Tc7?** (era melhor 20... Tg8. Poderia seguir-se 21. De3 Tae8 22. g4, com a ideia de g5) **21. Bg7!!** (recupera a peça ou dá mate. Se agora 21... Tg8 22. Txe7+! Rxe7 23. Dxf6+ Re8 24 Te1+, e se 21... Bxg7 22. Txe7+ — 22. Txh7 Tg8! — Rxe7 23. Dxg7, ganhando: 23... Re8 24. Te1+; 23... Df7 24. Te1+; 23... Rd8 24. Dxf6+ Rc8 25. Df8+. Se 21... Dd4 22. Bxf6 Dxf6 23. Txh7+, é o fim) **Bxf5 22. Bxf6 Bxf6 23. Dxf5 Th8 24. Te4 Dc5 25. Txh7+ Txh7 26. Dxh7+ Rf8 27. Tg4 Re8 28. Tg8+ Rd7 29. Dh3+ Rc6 30. f4** (para abrir a diagonal *h1-a8* e poder forçar a troca de torres) **Dc4 31. Df3+ Rd7 32. Dg4 Rc6 33. Tc8 Bxc3 34. Df3+ Rd7 35. Txc7+ Dxc7** (se 35... Rxc7 36. Dxc3 e força-se a troca das damas, ficando as brancas com um peão a mais) **36. Dxc3 Db6 37. Df3 Dg1+ 38. Rd2 Dd4+ 39. Re2 Dxb2?** (era melhor 39... Dc4+ 40. Rf2) **40. Db3** (agora as negras permitem ou a troca das damas ou o ganho do peão de *b7*) **Dxb3 41. cxb3 e6 42. Rd3 Re7 43. Rd4 Rf6 44. g4 Rg6?? 45. f5+ 1:0** (era melhor 44... Rf6. Poderia seguir-se 45. b4 b5 46. a3 — é melhor tirar os possíveis lances de espera e pôr os peões em casas mais avançadas — a6 47. Re4 Re7 48. f5 e5 49. g5 Rf7 50. f6+ Rf7 51. g6+ Rxg6 52. Re6 e4 53. f7 e3 54. e8D e2 54. Df2, ganhando. 45... exf5 46. gxf5+ Rxf5 47. Rd5 b5 48. Rxd6 Re4 49. Rc5 Rd3 50. Rxb5, ganhando).

(comentários de ANTÓNIO FERREIRA)

Classificação: 1.º Fernando Silva; 2.º Luís Santos; 3.º Luís Ochoa - 6; 4.º Sílvio Santos; 5.º Fernando Mota; 6.º Jorge Guimarães - 5½, 7.º Joaquim Durão; 8.º José P. Santos; 9.º António P. Santos; 10.º Fernando Aidos; 11.º Firmino Silva; 12.º António Ferreira - 5 (68 participantes).

Campeões e campeonatos do mundo

Morphy jogando às cegas no Café da Régence em Paris

Adolf Anderssen

Anderssen (1818-1869) tornou-se o melhor jogador do mundo com a sua vitória no primeiro torneio internacional de mestres, em Londres, em 1851, por ocasião da Grande Exposição.

Conhecedor profundo da teoria do seu tempo e possuidor de uma imaginação prodigiosa, Anderssen deixou-nos várias jóias de que se destacam a *Imortal* e a *Sempre Jovem*.

O seu reinado foi interrompido pela chegada de Morphy à Europa e consequente derrota (+2 — 7 = 2) no match de 1858. Após o afastamento do americano em 1863, a sua supremacia durou apenas três anos, pois o novo astro, Steinitz, derrotava-o em *match* em 1866.

ANDERSSEN — KIESERITSKY (a Imortal)
Londres 1857
Gambito de rei

1. e4 e5 2. f4 exf4 3. Bc4 Dh4+ 4. Rf1 b5 5. Bxb5 Cf6 6. Cf3 Dh6 7. d3 Ch5 8. Ch4 Dg5 9. Cf5 c6 10. Tg1 cxb5 11. g4 Cf6 12. h4 Dg6 13. h5 Dg5 14. Df3 Cg8 15. Bxf4 Df6 16. Cc3 Bc5 17. Cd5 Dxb2 18. Bd6 Dxa1+ 19. Re2 Bxg1 20. e5 Ca6 21. Cxg7+ Rd8 22. Df6+ Cxf6 23. Be7++.

Paul Morphy

Paul Morphy nasceu em Nova Orleães em 1837, e não teve adversário à sua altura enquanto jogou xadrez. Mesmo Anderssen, o melhor jogador europeu do seu tempo, se viu derrotado estrondosamente por 5 a 1 num segundo *match*.

Menino prodígio, Morphy foi o primeiro campeão dos EUA quando em 1857 venceu o Torneio de Nova Iorque. Dirigindo-se nesse mesmo ano à Europa, suplantou facilmente os melhores jogadores do velho continente, Harrwitz e Anderssen. Staunton, por seu lado, encontrou sempre os meios que lhe evitaram o confronto directo.

Numa célebre exibição às cegas no «Café de la Régence», Morphy maravilhou Paris inteira ao derrotar seis adversários e ceder apenas dois empates. O seu nome começou a aparecer regularmente em jornais e revistas, tornando-se famoso. Uma chuva de convites caiu sobre ele, da parte da nobreza ciosa de novidades.

Foi durante uma representação da «Norma» que Morphy produziu uma das partidas mais conhecidas pelos aficionados, pela sua clareza e linearidade de concepção:

MORPHY — DUQUE DE BRUNSWICK E O CONDE ISOUARD
Paris 1858
Philidor

1. e4 e5 2. Cf3 d6 3. d4 Bg4? 4. dxe5 Bxf3 5. Dxf3 dxe5 6. Bc4 Cf6? 7. Db3 De7 8. Cc3 c6 9. Bg5 b5 10. Cxb5! cxb5 11. Bxb5+ Cbd7 12. 0-0-0 Td8 13. Txd7! Txd7 14. Td1 De6 15. Bxd7+ Cxd7 16. Db8+! Cxb8 17. Td8++

2. CAMPEÕES POR CONTA PROPRIA

Em Londres, em 1866, já depois de Morphy se ter retirado, Steinitz derrota Anderssen por 8 a 6, sem empates, e autoproclama-se campeão do mundo, perante o sorriso dos seus contemporâneos.

A superioridade de Steinitz estava longe de ser clara, pois, embora tivesse derrotado Bird (Londres 1866; + 8 — 6 = 0), Blackburne (Londres 1870; + 5 — 0 = 1), Zukertort (Londres 1872; + 7 — 1 = 4) e novamente Blackburne (Londres 1876; + 7 — 0 = 0), viu-se derrotado frente a Anderssen e superado por Kolish e Winawer em vários torneios.

Em 1883, ainda em Londres, organizou-se um torneio a duas voltas, que foi ganho por Zukertort, ficando Steinitz em segundo lugar.

Perante o espanto e a ira de Steinitz, o vencedor proclama-se também campeão mundial, o que certamente não poderia ser tolerado por aquele.

Wilhelm Steinitz

Steinitz nasceu em Praga a 18 de Maio de 1836 e morreu na miséria, num hospital nova-iorquino, a 12 de Agosto de 1900.

Pensador original, é considerado o fundador do xadrez moderno, de recorte posicional, em contraste com o estilo romântico anterior, que tinha tido em Anderssen o seu expoente máximo.

Steinitz desafiou Zukertort para de uma vez por todas se decidir a questão da posse do título, através de um *match*.

STEINITZ-ZUKERTORT

O *match* disputou-se em Nova Iorque, São Luís e Nova Orleães, e estendeu-se de 11 de Janeiro a 29 de Março de 1886.

Após a quinta partida ninguém já duvidava de quem seria o campeão, mas.. estavam errados afinal!

ZUKERTORT — STEINITZ (1)
Nova Iorque 1886
Eslava

1. d4 d5 2. c4 c6 3. e3 Bf5 4. Cc3 e6 5. Cf3 Cd7 6. a3 (melhor 6. Be2) **Bd6 7. c5 Bc7 8. b4 e5! 9. Be2 Cgf6 10. Bb2 e4 11. Cd2** (se 11. Ch4 Be6, ameaçando 12... g5) **h5** (contra 12. g4) **12. h3 Cf8 13. a4** (melhor 13. Da4 Cg6 14. 0-0-0) **Cg6 14. b4 Ch4 15. g3** (se 15. Bf1 Db8 16. g3 Bxg3 17. fxg3 Dxg3+

Steinitz em 1895

STEINITZ	1	0	0	0	0	1	1	½	1	½	1	1	0	½	½	1	½	1	1	1	12½
ZUKERTORT	0	1	1	1	1	0	0	½	0	½	0	0	1	½	½	0	½	0	0	0	7½

18. Re2 Cg4) **Cg2+ 16. Rf1 Cxe3+ 17. fxe3 Bxg3 18. Rg2 Bc7 19. Dg1** (melhor 19. Df1 Th6 20. Rf2) **Th6 20. Rf1 Tg6 21. Df2 Dd7 22. bxc6 bxc6 23. Tg1** (se 23. h4 Cg4) **Bxh3+ 24. Re1 Cg4 25. Bxg4 Bxg4 26. Ce2 De7** (impedindo 27. Dh4) **27. Cf4** (melhor 27. Rd1 e Rc2 **Th6 28. Bc3 g5 29. Ce2 Tf6 30. Dg2 Tf3 31. Cf1 Tb8 32. Rd2 f5 33. a5 f4 34. Th1 Df7 35. Te1 fxe3+ 36. Cxe3 Tf2 37. Dxf2** (se 37. Dg1 Df3 38. Cxg4 Dd3+) **Dxf2 38. Cxg4** (ou 38. Thf1 Dh4) **Bf4+ 39. Rc2 hxg4 40. Bd2 e3 41. Bc1 Dg2 42. Rc3 Rd7 43. Th7+ Re6 44. Th6+ Rf5 45. Bxe3 46. Tf1+ Bf4** (46... Dxf1 47. Ce3+; 46... Re5 47. Te6++) **0:1**

STEINITZ-TCHIGORINE

Devido ao entusiasmo escaquístico em Havana, foi nesta cidade organizado um *match* entre o então incontestado campeão mundial Steinitz e o russo Miguel Tchigorine (1850-1908), considerado o fundador da escola russa.

Tchigorine, contra a lógica talvez demasiado rígida de Steinitz, sustentava uma apreciação particular de cada posição, com o seu quê de subjectividade e bastante maior dinamismo. Tinha preferência acentuada pelos cavalos sobre os bispos, o que no época, tal como agora, tinha algo de heresia. Todavia, à inspiração de Tchigorine deve a escola soviética um dos seus maiores contributos para a teoria do jogo: a demonstração da existência de posições *abertas*, em que o cavalo suplanta efectivamente o bispo.

A Tchigorine se devem ainda originais contributos para a teoria das aberturas: 1. d4 d5 2. c4 Cc6 *(voilà!)* e a conhecida manobra da espanhola cerrada, Ca5-c5-Dc7, são as mais conhecidas.

Steinitz manifestou especial empenho neste *match*, pois com Tchigorine tinha perdido já três partidas das quatro que haviam jogado, e tinha sido Tchigorine o capitão da equipa russa que derrotara Londres, dirigida por Steinitz, num *match* por correspondência em 1886-1887 entre Londres e São Peterburgo.

O *match* decorreu entre 20 de Janeiro e 24 de Fevereiro de 1889, e disputava-se à melhor de vinte. Steinitz fez gala em derrotar de negras Tchigorine, contra a especialidade deste, o Gambito Evans, numa variante que a história haveria de enterrar: 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 4. b4 Bxb4 5. c3 Ba5. 6. 0-0 Df6?!

STEINITZ — TCHIGORINE
Havana 1889
Tchigorine

1. Cf3 d5 2. d4 Bg4 3. c4 Cc6 4. e3 e5 (4... e6!) **5. Db3 Bxf3 6. gxf3 Cge7 7. Cc3 exd4 8. Cxd5 Tb8 9. e4 Cg6 10. Bd2 Bd6 11. f4 0-0 12. 0-0-0 Cce7 13. f5 Cxd5** (13... Ce5? 14. f6! Cxd5 15. fxg7!) **14. cxd5 Cf4 15. Df3 Dh4 16. Tg1 h5 17. Rb1 c5 18. Dg3 Cg6 19. Dxd6 Dxe4+ 20. Ra1 Dxf5 21. Dg3! Dxd5 22. f4 b5 23. Bg2 Dd6 24. Dg5 f5 25. Bh3 Tb6 26. Bxf5 Tf6 27. Be4 Dd7 28. Dxh5 Cf8 29. Dxc5 Ce6 30. Dh5 Dd6 31. Dh7+ Rf8 32. Tc1 Ta6 33. f5 Cc5 34. Dh8+ Re7 35. Txg7+ 1:0**

VICTOR SILVA

STEINITZ	0	1	0	1	1	0	0	1	1	1	0	1	0	1	1	1	½	10½
CHIGORINE	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	½	6½

(O Karpov e o Korchnoi, se sabem da sequência de resultados, devem ficar «vermelhos»!)

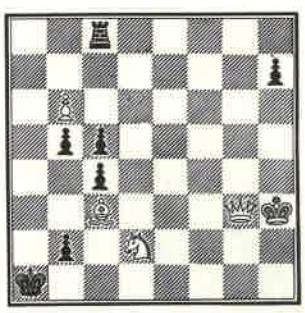
PROBLEMAS

Turton & C.ª

O problemista inglês, dos meados do século XIX, Henry Turton, ideou uma combinação em que duas peças brancas do mesmo movimento executam uma manobra, apoiando-se a de maior valor na de menor valor, depois de esta última ter efectuado um *lance crítico*, designação que, aliás, ainda não tinha sido inventada no seu tempo.

Ambas as peças percorrem a linha temática, mas em sentidos contrários.

I
H. TURTON
«Illust. London News
1856

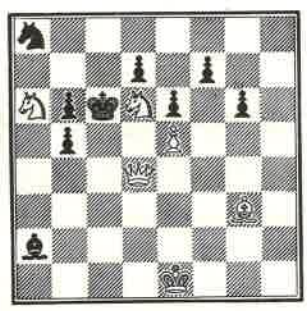


5+7 *3++*

Assim, o problema I, que é o protótipo, tem por solução **1. Bh8** (transpondo a casa crítica *g7* e ameaçando mate no lance seguinte, 2. Da3++) **b4** (defende a ameaça) **2. Dg7** e agora se **2... c3 3. Da7++**, e se **2... Ta8 3. Dxb2++**, lance que realiza o tema. Ocorreu, pois, um lance crítico da peça B, num sentido; ocupação da casa crítica pela peça A (de mais valor, isto é A > B); lance matante de A, em sentido contrário, apoiada em B. Este é o tema Turton propriamente dito, mas a ideia foi desenvolvida noutros sentidos.

Assim se a peça que faz o lance crítico for mais forte que a outra, isto é, A < B, o tema toma o nome de *Loyd-Turton* e o seu protótipo é o problema II.

II
S. LOYD
«Saturday Courier» 1856
1.º Prémio



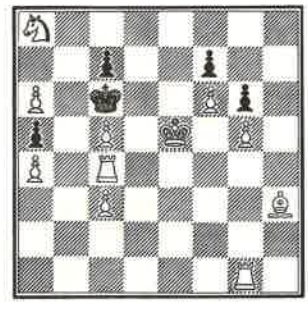
6+9 *4++*

1. Dg1 (casa crítica *f2*) **B joga** (há outros lances) **2. Bf2, jogam 3. Bxb6** (lance que realiza o tema, porque se não estivesse apoiado pela D, o B era tomado pelo R inimigo), **jogam 4. Dc5++**.

Erich Brunner, suíço (1885/1938) um dos expoentes da escola estratégica, também contribuiu para o desenvolvimento da ideia, mas agora A = B.

São, pois, duas TT que se dobram, e veja-se o probelma III, exemplo do *Brunner-Turton*.

III
E. BRUNNER
«Akademische Monatshefte»
1910



11+5 *3++*

A ideia é clara: retirar a *Tc4* para obrigar as pretas a jogarem RxP. Mas qual a T que *fica à frente?*

Apenas resolve **1. Th4** (casa crítica *g4*) **Rxc5 2. Tgg4, Rc6 3. Tc4++**. Com outra dobragem das TT, o R fugiria por *d7!*

Outro Erich, o Dr. Erich Zepler, de origem alemã, nascido em 1898 (ignoro se ainda sobrevive), Professor Emérito da cadeira de electrónica da Universidade de Southampton, e ainda um mais alto expoente do problema estratégico, também trabalhou a ideia, introduzindo porém o lance *anti-crítico*, com o resultado que vamos ver no problema IV.

IV
A. CHÉRON
«Journal de Genève» 1933

3+5 *3++*

1. Dd5 (a D. transpõe a casa crítica *f3*, evitando ser interceptada nela) **Ra7 2. Bf3** (ocupação da casa crítica) seguido de **3. Dxb7++** (se **2... Ra6 3. Da2++**). Há outras variantes facilmente verificáveis. O que é de interesse notar é que, como no Turton propriamente dito, a peça *base* é de menor valor que a peça *apoiada*, A > B, mas B não faz o lance crítico; é A que contraria, fazendo um lance *anti-crítico*. Os movimentos temáticos deixam de ter sentido contrário, são no mesmo sentido e pela mesma peça, Dh1 — d5 e Dd5 — b7.

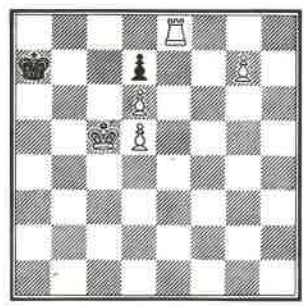
Peça apoiada — A. Peça base — B			
A > B	Lance crítico de B	Movimentos em sentido contrário	Tema Turton
A < B	Lance crítico de B	Movimentos em sentido contrário	Tema Loyd-Turton
A = B	Lance crítico de B	Movimentos em sentido contrário	Tema Brunner-Turton
A > B	Lance anti-crítico de A	Movimento no mesmo sentido	Tema Zepler-Turton

Sem manobra de apoio	
Movimentos no mesmo sentido	Tema Bristol
Movimentos em sentido contrário	Evacuação de linha Loyd

Este é o tema *Zepler-Turton*.

Terminaremos com um problema (V) que nos abrirá novas ideias.

V
A. CHÉRON
«Feuille d'Avis de Lausanne»
1930



5+2 *3++*

A casa crítica é *g8*.

Ensaios: 1. Tf8? Ra6 ou b7 2. g8D Ra7, a6 ou b7 3. ?; 1. g8D Rb7! 2 Ta8 pate.

Solução: **1. Th8** (lance crítico) **Rb7** ou **a6 2. g8D, Ra7** ou **b7 3. Da8++** (Tema Turton).

Mas se **2... Ra6 3. Da8++**. A D não necessita de apoio da T. Não é, portanto um Turton, mas sim uma *evacuação da linha Loyd*, nesta variante, que é o lance da T de *e8* para *h8*.

O problema de Chéron conjuga, portanto, os dois temas, o Turton e a evacuação de linha Loyd. Neste tema, os lances são de sentido contrário. Se fossem no mesmo sentido, em vez de uma evacuação de linha Loyd era uma evacuação de linha Bristol (Tema Bristol). Veja-se o problema de Frank Healey na R. P. X. de Julho/77.

O que antecede pode ser condensado no quadro junto.

Associaram-se, pois, problemistas de vários países a explorarem a ideia de Turton, em jeito multinacional, mas sem fins lucrativos. Justifica-se, contudo, o título de sabor comercial que encabeça esta crónica.

RUI NASCIMENTO

SOLUÇÕES

COMBINAÇÕES

46 (STEINITZ-CHIGORIN, Havana, 1898) 1. Txh7+ Rxh7 2. Dh1+ Rg7 3. Bh6+ Rf6 4. Dh4+ Re5 5. Dxd4+ Rf5 6. g4++

47 (TAL - KOBLENZ, YURMALA, 1976) 1. f6!! Txe2 2. fxg7 Txd2 3. Bxd2 De2 4. Rc1 e as brancas ganham. Se 1... gxf6 2. g7 Tg2 3. Bg5! Txg5 4. Dxg5 Dxe2 5. Dg1, etc.

48 (ENGELS - BUSTHENS, Manheim, 1935) 1. Cg6+!! fxg6 2. Ch4 Dd6 3. Cxg6+ Rh7 4. dxe5! Dc7 5. Cf8+ Rh8 6. Dh7+ Cxh7 7. Cg6++

ESTUDOS E FINAIS

46 (A. MANDLER). 1. Cf7 Re6 2. Cd8+ Rxd6 3. Cxb7+ Rd5 4. Ca5 Rd4 5. Cb3+ Rc3 6. Ca1 ganha.

47 (V. I. TJAVLOVSKY). 1. Ch6 Rb2 2. Cf5 Rc3 3. Rg8 Ba3 4. Rg7 Rd3 5. Rf6 Bf8 6. Re5 R joga 7. Re6 Rd3 8. Rd7 ganha.

48 (G. A. TEODORU). 1... d3 2. Cc1+ Rc3 3. Cxd3 Rxd3 4. f5 Cc4 5. f6 Cd6 6. b5 Cf7 7. b6 cxb6 pate.

PROBLEMAS

46 (N. PETROVIC). 1. Bb7 (ameaça 2. De4) **Cc5** (intercepção a três peças) **2. Bc7++. 1... Cc3 2. Dc1++. 1... d3** (intercepção à D) **2. Df1++. 1... Te5** (auto-obstrução) **2. T5xg4++**. Note-se ainda a D negra numa casa focal em relação a *e2* e *e6*. Um belo trabalho do grande compositor.

47 (H. MEYER). 1. Bh8 Ra7 2. Da1 Rb7 3. Dg7++. Movimentos de B e D no mesmo sentido. Tema Bristol. Se **1... Rc7 2. Dc2+**, etc.

48 (A. CHÉRON). 1. Bh3 Rc5 2. Dg4 Rc6 3. Dc8++. Movimentos em sentido contrário. Evacuação de linha Loyd.

O MEU MELHOR SACRIFÍCIO

7 (J. C. COSTA — L. VENTURA). 1... Txe5 2. Dxe5 Dd3+ 3. Re1 Bd4 4. De7 Bf6 5. Dxf6 Te8+ 6. Rf2 Te2+ 0:1 (7. Cxe2 Dxe2+ e mate com De1; 7. Rf1 Td2+ e mate em 2 lances; 7. Rg1 Te1+ 8. Rf2 Txh1 9. Bxf4 Txa1, ameaçando mate de T em *f1*).

8 (J. A. SILVA — J. E. DEUS. 1... Cb3+ cxb3 (2. Rxb2 Cd4, ganhando a D) **Dxb3 3. Dd3** (3. Td2? Tb1) **Bb7 0:1** (4. Td2 Tc8 e se 5. Txb2 Txc3+ 6. Rb1 Txd3 7. Txb3 Txb3, a vantagem é suficiente para ganhar).

9 (A. FERREIRA — M. TENREIRO. 1. Cf4 Bxf6 (ameaçava-se 2. Cxg6! hxg6 3. Bxg6 fxg6 4. f7++) **2. Cxg6 Bg7** (2... Bxd4+ 3. cxd4 fxg6 4. Bxg6 hxg6 5. Dxg6+ Rh8 6. Tf7 e há mate; 2... hxg6 3. Bxg6! — 3. Txf6 também ganha — fxg6 4. Dxg6+ Bg7 5. Df7+ Rh7 6. Tf4 e há mate) **3. Ce7+! Txe7** (3... Rf8 4. Txf7+ Rxf7 5. Tf1+) **4. Dxh7+ Rf8 5. Txf7 Rxf7 6. Dh5+!** (melhor que 6. Tf1+ Bf5) **1:0** (6... Rf8 7. Tf1+ Bf6 8. Dh8+ Rf7 9. Txf6++; 6... Rg8 7. Bh7+ Rf8 8. Tf1+ Bf6 9. Txf6+ Rg7 10. Dxh6+ e há mate em poucos lances, ou 7... Rh8 8. Bg6 Rg8 9. Dh7+ Rf8 10. Tf1+ Bf6 11. Df7++).

Karpov-Korchnoi 1978

Num «match» sem número limite de partidas de que sairá vencedor o primeiro jogador a conseguir seis vitórias, Anatoly Karpov, soviético, campeão do Mundo e Viktor Korchnoi, ex-soviético, dissidente, candidato ao título máximo, encontram-se de novo, passados 4 anos do «match» de Moscovo, que esteve na origem da fuga de Korchnoi para o Ocidente, tendo por palco a cidade de Baguio, nas Filipinas. Pela sua importância iremos publicando todas as partidas, comentadas pelos melhores jogadores nacionais.

Primeira partida

KORCHNOI-KARPOV
Gambito de Dama, Tartakover

1. c4 Cf6 2. Cc3 e6 3. Cf3 d5

A primeira sensação do match (no tabuleiro é claro!). Karpov renuncia à Índia de dama (3... b6) e força praticamente o adversário a a entrar nas vetustas e superanalisadas variantes do gambito de dama. Ora, acontece que o candidato é, e sempre foi, um especialista do gambito de dama! (LS).

Na quinta partida do «match» de Moscovo (1974) A. Karpov jogou 3...b6 e depois de 4. g3 Bb7 5. Bg2 Be7 este esquema diluiu-se por cinco jogos aparentados, mais lance menos lance e de ordem variada, um dos quais resultou em vitória para Korchnoi.

Por vezes A. Karpov responde 3... Bb4

Também se jogou 4. e4... mas aí as coisas equilibraram-se.
para um sistema ou defesa Nimzoíndia que se adapta optimamente ao seu estilo (JC).

4. d4

Transpondo para um gambito de dama. Com 4. e3 manter-se-ia a abertura original.

4... Be7 5. Bg5 h6 6. Bh4

Um primeiro vacilar, 5... h6 é considerado inferior, devido a 6. Bxf6 Bxf6 e tanto 7. e4 como 7. Db3 (o favorito de Korchnoi) parecem conduzir a um melhor jogo das brancas. Korchnoi decerto presumiu que Karpov traria alguma coisa «na manga» e preferiu inverter para as linhas habituais (AP).

As enciclopédias consideram este lance tão bom como o seu oposto 6. Bxf6 (JC).

Korchnoi joga seguro e não se deixa tentar por 6. Bxf6 Bxf6 7. e4 dxe4 8. Cxe4 Cc6 (talvez Karpov quisesse tentar o inexplorado 8... b6 9. Dd2 Bb7) 9. Cxf6+ Dxf6 10. Dd3! Bd7 (se 10... 0-0 11. De4 e 12. Bd3) 11 Be2 0-0-0 12. De3 com ligeira supremacia branca, Tajmanov-Buchman, URSS, 1969 (LS).

6... 0-0 7. e3 b6

Com este lance fica definida a variante Tartakower, que pela sua solidez, diversos GM's escolhem em ocasiões em que «empatar de pretas já é bom» (o equivalente escaquístico à célebre máxima «um empate em casa do adversário...) (AP.).

Esta posição obtém-se normalmente com a seguinte ordem dos últimos lances 5... 0-0 6. e3 h6 7. Bh4 (agora 7. Bxf6 em vista a 8. e4 perderia um tempo porque o e3 já foi jogado; as negras teriam o roque a mais!) b6, evitando a variante acima citada (LS).

Ainda esta variante não tinha recebido a sua designação actual e já Lasker a ensaiava em 1921, com ligeira modificação, por curiosa coincidência também numa primeira partida de *match* (com Capablanca) que terminou em empate em 50 lances: 1. d4 d5 2. Cf3 e6 3. c4 Cf6 4. Bg5 Be7 5. e3 *Cbd7*. 6. Cc3 0-0. Tc1 b6. (VS).

8. Tc1

Um princípio a que poderemos chamar de utilidade sobre o qual se deveria escrever uma monografia. Assim designo os lances sem objectivo directo — para os neófitos — que reforçam o plano geral, antecipando-se à sua ordem aparentemente natural na tentativa de poupar tempos ou forçar compromissos adversários.

Tanto 8. Bd3, 8. De2 8 cxd5 e 8. Db3 (com que Korchnoi venceu o GM Hübner, em Solingen 1973) são possibilidades bastante praticadas que visam logicamente o controlo da importante casa central **e4**. Mas o lance 8. Be2 tem sido utilizado com bons resultados, por exemplo: 8. Be2 Bb7 9. Bxf6 Bxf6 10. cxd5 exd5 11. 0-0 (11. b4 c6 12. 0-0 a5 13. a3 Dd6 14. Db3 axb4 15. axb4 Cd7 16. Tfd1 com melhor posição das brancas, Estever-Karpov, Leninegrado (1973) De7 12. Db3 c6 13. Tfe1 Bc8 14. Tac1 Be6 15. Da4 a5 16. Bd3 Tc8 17. e4 com vantagem branca, Korchnoi - Cuellar, Leninegrad, 1973. No último «match» com Spassky, e por duas vezes, Korchnoi preferiu 8. Tc1 na 7.ª e 11.ª partidas. (LS)

8... Bb7 9. Bd3

No seu «match» com Spassky, Belgrado 1977/78, o «terrível» Viktor jogou 9. Bxf6 Bxf6 10. cxd5 exd5 11. b4 c6 e agora 12. Be2 Cd7 13. 0-0 a5 14. b4 c5, atingindo uma posição teoricamente igualada (7.ª partida) que viria a transformar em vitória... enquanto que, depois de 12. Bd3! considerado pelos científicos como ligeiramente melhor para as brancas (Stean, análises sobre a 11.ª partida), essa confortável situação redundou num zero, em 36 lances, com o mesmíssimo adversário. Técnicas masoquistas, certamente de uns e de outros... (JC)

Este lance permitirá uma simplificação e libertação das negras. Melhor é 9. Bxf6 Bxf6 10. cxd5 exd5 11. b4 c6 12. Bd3! (LS)

9... dxc4

Novidade teórica. Conhecidos eram 9... Cbd7 e 9... Ce4, que deixam as brancas com uma leve vantagem.

10. Bxc4 Cbd7 11. 0-0 c5 (! — AP)

Típico lance libertador (AP) (...) com o intuito de desfazer a maioria das brancas no sector (JC)

12. dxc5

Depois disto o empate é quase inevitável. A única hipótese de manter a luta parece consistir em 12. De2 e se 12... cxd4 13. exd4, o que talvez contribuisse para aclarar um pouco a eterna discussão sobre as vantagens e desvantagens do peão isolado neste tipo de posições. (AP)

A manutenção da tensão central a nada conduz. Se 12. De2 Ce4, por exemplo. (LS)

12... Cxc5 13. De2 a6

Com ideia de b5, caso as pretas tenham tempo para isso, neutralizando-se de passagem os saltos sonhados para o Cc3; esta intuição nos pontos sensíveis do tabuleiro e a profilaxia do seu tratamento é uma das principais características do xadrez magistral de A. Karpov. (JC)

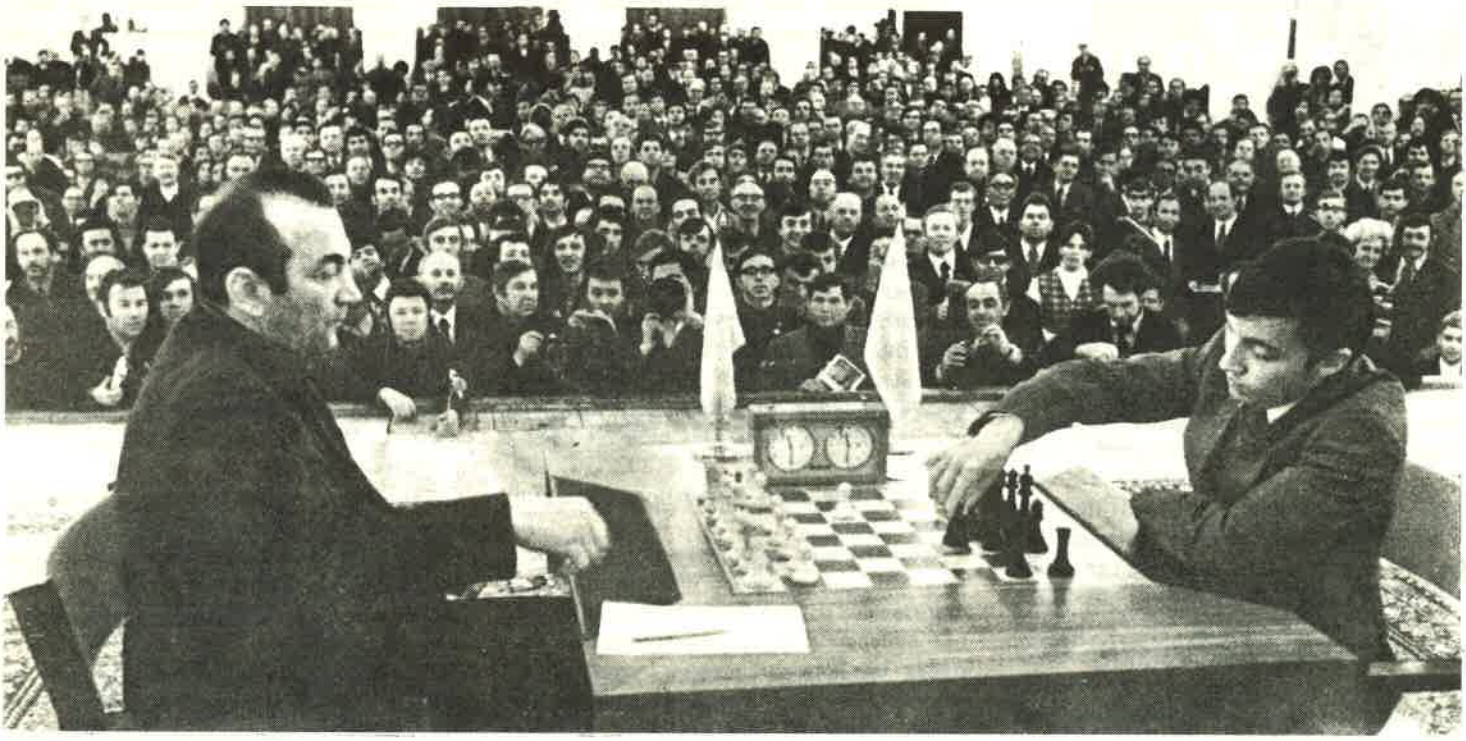
Retirando qualquer hipótese de iniciativa no flanco de dama com base em **b4** e futuras infiltrações em **b5** e **a6** (LS)

14. Tfd1 De8 15. a3

Ingénuo seria 15. b4 Cce4, já que 16. b5? Cxc3 17. Txc3 a5, entre outras voluptuosidades pode deixar os bispos brancos ligeiramente entupidos (JC)

15... Cfe4

Como jogador sólido que é A. Karpov



Uma imagem do Match Karpov-Korchnoi de 1974

provoca, sem maiores subtilezas as trocas necessárias para esterilizar o perigo que representava as colunas dominadas pelas torres brancas e as suas próprias figuras menos activas; o lance b5 apenas debilitaria a posição das pretas, oferecendo ainda às brancas boas possibilidades de exploração tácticas (JC)

16. Cxe4 Cxe4 17. Bxe7 Dxe7 18. Cd4 Tfc8 ½-½.

E com naturalidade todas as peças pretas assumiram uma função activa, impossível de desfazer-se sem novas trocas que a simetria dos peões condena a uma igualdade de facto. (JC)

Karpov permaneceu todo o dia na vivenda posta à sua disposição, preparando-se para o segundo encontro.

Korchnoi passeou pelos pinhais situados nos arredores de Baguio, acompanhado pelo GM Stean. Após regressar estudou aberturas com os seus segundos.

Karpov entrou no palco cinco minutos antes do início, sentou-se na sua cadeira (reajustada a pedido da delegação soviética) e foi depois aos bastidores. Korchnoi chegou minutos depois, * sentou-se frente ao tabuleiro, esperou pelo adversário e quando o campeão regressou cumprimentaram-se quase sem se olharem.

* Usando óculos espelhados para segundo disse evitar que o penetrante olhar azul do seu adversário lhe perturbasse a concentração.

Segunda partida

KARPOV-KORCHNOI
Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Cxe4

A variante aberta. Actualmente, Karpov é o maior especialista mundial da variante fechada (5... Be7) (AP)

6. d4 b5 7. Bb3 d5

Em caso de 7... exd4 8. Te1 d5 9. Cc3! Be6 (para 9... dxc3 10. Bd5 Bb7 11. Bxe4 com grande vantagem) 10. Cxe4 dxe4 11. Txe4 Be7 12. Bxe6 fxe6 13. Cxd4 0-0 14. Dg4 Cxd4 15. Txd4 Dc8 16. Te4 Tf6 17. Bf4 e uma partida de Fischer (Bled 1961) este obteve forte iniciativa contra as pretas de Trifunovic.

8. dxe5 Be6 9. c3

A principal alternativa é 9. De2 Be7 10. Td1. Na terceira partida do seu «match» com Hübner, Korchnoi continuou com o vulgar 10... 0-0 11. c4 bxc4 12. Bxc4, experimentando agora sem grande sucesso 12... Bc5!? (12... Dd7 12. Cc3 Cxc3 14. bxc3 f6 15. exf6 Bxf6 e agora 16. Bg5 Rh8! com estudos teóricos que tendem para a igualdade — JC) 13. Bxe3 14. Dxe3 Db8 15. Bb3 e as brancas ganharam em 34 jogadas.

No quinto encontro do mesmo «match» veio a preferir 10... Cc5!? 11. Be3 0-0 12. c4 bxc4 13. Bxc4 Ca5 14. Bxd5 Bxd5 15. Cc3 Bxf3 16. Dxf3 De8 17. b4 Cd7 com igualdade que se traduziu no reparto do ponto ao 35.º lance. No quarto jogo do «match» de Auguste, Mecking ensaiou. 11. c4 d4 12. cxb5 cxb3 13. axb3 axb5 14. Txa8 Dxa8 15. Bg5! com uma ligeiríssima vantagem que não conseguiu concretizar, empatando em 40 movimentos. Também merece uma séria atenção o lance 9. a4!?, que raramente se emprega. (AP).

9... Bc5

Korchnoi mostra-se mais agressivo do que em 1974, contra Mecking. A segunda partida do «match» de Auguste prosseguira com 9... Be7 10. Cbd2 0-0 11. De2 Cc5 12. Cd4 Cxb3 13. C2xb3 (a teoria recomenda 13. Cxc6 Cxc1 4. Taxc1 Dd7 15. Cxe7 Dxe7 16. f4 f5 17. exf6 Txf6 18. De3 Bf5 19. Dd4 com ligeira vantagem, Jonesevic-Lukic, Jugoslávia 1955, mas parece melhor 16... g6! 17. De3 c5, com equilíbrio, O. Voddep-A. Pereira, torneio de Mestres da ICCF, corr. 1976/7) Dd7 14. Cxc6 Dxc6 15. Be3 Bf5 16. Tfd1 Dg6 17. Cd4 Bd7 com equilíbrio e consequente empate em 35 jogadas. (AP)

10. Cbd2

A recomendação de Motzko: 10. Dd3 também tem os seus adeptos (JC).

10... 0-0 11. Bc2 Bf5 (!? — AP)

O mesmo pode dizer-se de 11... Cxf2, um sacrifício muito interessante (conhecido por Dilworth), baseado na seguinte linha: 12. Txf2 f6! 13. exf6 Bxf2+ 14. Rxf2 Dxf6 15. Rg1 Tae8 16. Cf1 Ce5 17. Be3! Cxf3+ 18. Dxf3 Dxf3 19. gxf3 Txf3 e com B e C contra T e dois P, a vantagem das brancas é mínima. A manobra do bispo é mais elegante e moderna que 11... f5 12. Cb3 Bb6 e agora a4 ou Cfd4 etc., dentro da normalidade (JC)

Na «Enciclopédia de Aberturas» o próprio Korchnoi não dá grande valor a este movimento, indicando que as brancas possuem vantagem após 12. Cb3 Bg4 13. De1 Bxf3 14. gxf3 Ce5 15. Rg2 Df6 16. Dd1 Cxf2 17. Txf2 Bxf2 18. Rxf2, Bivsev-Kondratiev, URSS 1952. Contudo, após 18... Tae8!, quem estará melhor? (AP)

12. Cb3

As trocas em *e4* deixariam o Cf3 atacado e não resultam (JC)

12... Bg4

Para além da grosseira ameaça de ganhar uma figura, as brancas ameaçavam ainda, no caso de 12... Bb6 13. Cfd4, aproveitando-se da má situação do Bf5 para provocar trocas vantajosas.

13. Cxc5 Cxc5 14. Te1 d4 (! — AP)

Esta novidade teórica parece constituir um reforço para as negras. No torneio de Leninegrado (1977), Karpov atingira duas vezes esta posição e em ambas as pretas seguiram com **14... Te8 15. Bf4**. Aqui Smyslov optou por **15... Bh5!?** 16. Bg3 Bg6 17. Cd4 Dd7 18. f3 Tac8 19. Tc1! e as brancas estão melhor. Beljavsky jogou **15... d4!?** 16. h3 Bh5 17. cxd4 Bxf3 18. Dxf3 Cxd4 19. Dc3 Cxc2 20. Dxc2 Ca6 21. Tad1 e também não conseguiu igualar. Ao entrar numa continuação similar mas sem os lances Bf4 e Te8, Korchnoi torna possível a sua 18.ª jogada, que será a chave da igualdade.

Segundo um antigo comentário do ex-campeão do mundo Petrosian, as brancas têm vantagem decisiva após 17. g4, mas as coisas não me parecem assim tão simples; após 17... Ce6!, só com grande exactidão alcançam as brancas um final superior (18. Be4! Cxf4 19. Bxc6 Cxh3+ 20. Rg2 Bxg4 21. Bxe8), e há ainda a ter em conta 17... d3!? Em vez de 18... Bh5 falha 16... Bxf3 17. Dxf3 Ce7 18. Tad1 Ce6 19. cxd4 Cd5 20. Bc1 e as brancas ganharam rapidamente (Robatsch-Zinder, Veneza, 1967) mas parece muito forte 16... d3! 17. hxg4 dxc2 18. Dxc2 Dd3 19. De2 Tad8 20. De3? Dxe3 21. Txe3 Td5; e veio a firmar-se o empate após uma aguda luta de 29 lances (A. Pereira-M. Weiner, Semifinais do XI Campeonato do Mundo por Correspondência, 1975/7). (AP)

15. h3 Bh5 16. cxd4

Em caso de 16. g4? d3 e agora talvez 17. Be3 dxe2 18. Dxd8 Tfxd8 19. Bxe5 Bg6 para manter-se um jogo activo das pretas. Alguma coisa teria V. Korchnoi reservado para aquele avanço. (JC)

16... Bxf3 17. Dxf3 Cxd4 18. Dc3 Dd5 (! — AP)

Mau seria deixar as brancas com o par de bispos e ataque sobre o roque. (JC)

Aí está! A Ta1 ainda está obstruída. Se estivessem feitas as jogadas 14... Te8 15. Bf4 agora Tad1 poria as pretas em dificuldades. Assim possibilita-se 18... Dd5! já que não é possível 19. Tad1 (e se 19. Tfe1?? Ce2+) (AP)

19. Be3 Cxc2 20. Dxc2

Totalmente falso é 20. Bxc5?? Cxe1, ganhando a qualidade.

20... Cd3 (! — AP)

Depois de 20... Ce6 entrar-se-ia numa variante favorável às brancas (JC)

21. Ted1 Tfd8 22. Dxc7 Dxe5 23. Dxe5 Cxe5 24. b3

Evitando a colocação do cavalo em *c4* antes de o expulsar (JC).

24... f6 25. Bb6 Txd1+ 26. Txd1 Tc8 27. Td2

Impedindo a entrada da torre na sétima.

27... h5 28. Be3 Rf7 29. f4 ½-½

A decisão aceita-se, pois, nesta posição, a vantagem do bispo sobre o cavalo é puramente nominal. Um possível seguimento teria sido 29... Cc6 30. Td7 Rg6 31. Td6 Cb4 e as negras não têm problemas. (AP)

Aparentemente as brancas têm vantagem, uma vez que possuem um Bispo contra um Cavalo e este tem de retirar-se, já não podendo evitar algumas perigosas entradas da Torre adversária... Nestes encontros já se têm visto jogar posições de longos finais com posições tanto ou mais «equilibradas» do que esta. Até é provável que o resultado fosse o mesmo, ainda que fosse bastante instrutivo saber-se como e porquê (JC).

Terceira partida

KORCHNOI-KARPOV
Deresa Nimzoindia

1. c4 Cf6 2. d4 e6 3. Cc3 Bb4

Este lance que luta pelo domínio da importante casa *e4*, define a defesa Nimzoíndia (LS), (...) mescla de nomes cujo prefixo nos indica a influência do célebre Aaron Nimzovitsch (1886-1935) e o sufixo «índia» a saída do bispo de dama das pretas pelo longa diagonal *a8-h1*, o que — em verdade — nem sempre se observa. Mas estes três lances das pretas são inconfundíveis e basta-nos, em relação ao peão da dama das brancas, para o definir (JC). É rica em ideias estratégicas e praticada desde então pelos mais consagrados nomes do xadrez. Até Fischer a jogava (LS).

4. e3

Com esta modesta jogada principia o sistema Rubinstein que é o mais aplicado contra a defesa Nimzoíndia, e portanto o mais analisado.

4... c5

No seu «match» com Lev Polugaevsky, Moscovo, 1974, Anatoly Karpov jogou sistematicamente 4... 0-0 e só depois de 5. Bd3 c5 6. Cf3 d5 7. 0-0 dxc4 8. Bxc4 Cc6 9. a3 Ba4 é que as (quatro) partidas apresentaram bifurcações, terminando, ainda assim, todas empatadas (JC). 4... c5 é sem dúvida mais elástico mas também implica maiores conhecimentos que 4... 0-0. Karpov mostra que está bem preparado em linhas que não joga habitualmente!

5. Ce2

Com a ideia de evitar eventual dobragem dos peões (JC).

Esta uma das ideias iniciais de Rubinsteins! Lances como 5. Cf3 ou 5. Bd3 podiam levar a posição para variantes de 4... 0-0; Korchnoi experimenta assim a preparação de Karpov (LS).

5... cxd4

Muito utilizado é também 5... d5 directamente.

6. exd4 d5 7. c5

Cortando a retirada ao bispo, evitando linhas como 7. a3 Be7 8. c5 b6 9. b4 0-0 10. g3 a5 11. Ca4 Cfd7 12. Be3 Ba6 que oferecem boas hipóteses às negras (LS).

Um avanço nem sempre aconselhável, pois de momento a cadeia de peões brancos (d4 c5) fica ligeiramente estática e aparenta ser atacável, tanto na sua base (d4) como na cabeça (c5). Durante anos recomendou-se 7. a3 confiando-se em que a troca em *c3* seria favorável às brancas; mas estas podem retirar o seu bispo para *e7* e a teoria diz-nos que — mais lance menos lance — a igualdade será inevitável (JC).

7... Ce4

Já que as brancas preparam a eliminação do bispo «nimzoíndio» com a3, Karpov, jogando este lance lógico, poderá também eliminar o branco, embora à custa de alguns tempos para o desenvolvimento das restantes peças. (LS)

8. Bd2

Pior seria. 8. a3 Cxc3 9. Cxc3 Bxc3+ 10. bxc3 0-0 11. Bf4 (11. Bd3 b6 12. Dh5 f5) b6 12. Bd6 Te8 13. Bb5 Bd7 com igualdade, Karasev-Liberzon, URSS, 1962.

7... Cxd2

A rebuscada variante 8... Cc6 9. Cxe4 dxe4 10. Bxb4 Cxb4 11. Da4+ ou 11. Cc3, isso mesmo!, pois no caso de 11... Dxd4 então 12. Dxd4 Cc2+ 13. Rd2 Cxd4 14. Cxe4 Re7 15. Rc3 e5 16. f4, Polugaevsky-Taimanov, URSS, 1959, acabará sempre por conservar uma ligeira vantagem para as brancas (Enciclopédia, tomo E) (JC).

9. Dxd2 a5 (!? — LS)

Com a ideia de impedir a3 e b4 tomando posse do espaço e iniciativa no flanco de dama. Este tema pode exemplificar-se pela partida Korchnoi-Spassky, URSS 1973, 9... Cc6 10. a3 Ba5 11. b4 Bc7 12. g3 b6 13. Bg2 dxc5 14. dxc5 Tb8 15. Tb1 0-0 16. 0-0 Be5 17. Tfd1 Dc7 18. Dd3 a6 19. Ca4 com suficiente vantagem das brancas para estas se terem podido impor de um momento para o outro. O típico contra-ataque 9... e5 não vale, devido a 10. a3 Bxc3 11. Cxc3 e, para além do desenvolvimento das brancas, estas podem explorar a situação exposta dos peões centrais das pretas (Tai-

KARPOV	½	½	½	½	½	½	½	1	½	½	0	½	1	1	½
KORCHNOI	½	½	½	½	½	½	½	0	½	½	1	½	0	0	½

manov). Contra 9... 0-0 10. a3 Ba5 11. g3 é o mais aconselhável (Taimanov) atendendo a 11... Cc6 12. Bg2 Bc7 13. b4 f6 14, 0-0 com grande vantagem das brancas, Jutner-Gipslis, Riga, 1956. Por tudo isto pode considerar-se o lance de Karpov como uma novidade teórica, partindo do princípio que envolve o compromisso de um esquema diferente dos já assinalados, a que pode acrescentar-se a sequência 9... b6 10. a3 Bxc3 11. Cxc3 bxc5 12. dxc5 a5 13. Bb5+ Bd7 14. Tc1 a4 15. c6!? Bxc6 16. Cxd5 Dxd5 17. Dxd5 exd5 18. Bxc6 Cxc6 19. Txc6 Averbach-Panno, Portoroz, 1958, cujo final parece igualado (JC).

Aproveitando uma ideia de Balashov, jogador soviético da geração de Karpov, que venceu este ano o Torneio de Apuramento Zonal 4 (Zonal mais forte do mundo). A partida G. Garcia-Balashov prosseguiu 10. a3 Bxc3 11. Cxc3 a4 12. Be2 0-0 13. 0-0 b6 14. Ca2 bxc5 15. dxc5 Da5 com ligeira vantagem negra, Cienfuegos, 1975. Normal aqui era 9... b6 10. a3 Bxc3 11. Cxc3 bxc5 12. Bb5+ Bd7 13. dxc5 a5 como nas partidas Uhlmann-Havansi, Halle, 1967 e Averbach-Panno, Portoroz, 1958 (LS).

10. a3 Bxc3 11. Cxc3 Bd7 12. Bd3

Ligeira melhoria de Korchnoi em relação à partida que, evidentemente influenciou ambos os jogadores; 12. Bb5 inverteria para a posição daquela que seguiu com 11... a4 12. Bb5+ Bd7 continuando 13. 0-0 0-0 14. Tac1 Bxb5 15. Cxb5 Da5 16. Dd3 Cc6 17. Tc3 Da6 18. f4 g6 19. g4 Ce7 20. De2 Tfe8 21. Te3 Cc6 22. f5 e5 23. fxg6 fxg6 24. dxe5 Tad8 25. Cd6 Dxe2 26. Txe2 Txe5 27. Tef2 Te7 28. g5 Ce5 29. Td1 Cc4? 30. Cxc4 1:0, Gulko-Balashov, Vilnius, 1975. (LS)

12... a4

Korchnoi, agora que tem o flanco de dama minado, (pois sempre que quiser jogar b4 ficará com os peões fracos após axb3 n. p.) vai montar um poderoso ataque sobre o flanco contrário, onde possui excelentes perspectivas, aumentadas pelo facto de não ter trocado o bispo (LS).

13. 0-0 0-0 14. f4 g6

Evitando-se f5 que criaria maiores debilidades do que a já admitida (JC).

15. Rh1

Prevendo-se os problemas que possam surgir do lance b6 e da diagonal *g1-a7*, e para se vir a aproveitar a coluna *g* (JC).

15... Cc6 16. Bc2 Ce7

Karpov opõe-se como pode à ruptura em *f5* Korchnoi traz as últimas reservas antes de principiar as manobras agressivas (LS).

17. Tae1 b6

Em conformidade com o plano traçado (9... a5) e uma vez controladas as ameaças directas das brancas (f5, etc.) sobre o flanco de rei, as pretas dispõe-se a contra-atacar no flanco de dama (JC).

Como já se viu este lance é temático nesta variante. Karpov só depois de minar os outros peões deste flanco, e defender a ala de rei com o cavalo é que começa a reagir. Estratégia segura, mas lenta! (LS).

18. Tf3 Te8

Mais uma vez opondo-se à ruptura em *f5* (LS).

Naturalmente isto é muito bem jogado, tal como a continuação da partida o demonstrará. «Grosso modo» pode dizer-se que as pretas pretendiam três coisas: De uma casa de fuga para o rei; 2) controlar a coluna *e*, o que se irá revelar de extrema importância; 3) libertar as casas de cor negra para eventuais manobras de protecção com a dama (JC).

19. Tfe3 Bc6

Continuando a política de jogar seguro. 19... bxc5!? era interessante (LS).

20. cxb6 Dxb6 21. g4

Como era de esperar, avança a «baioneta», única maneira de romper as portas do castelo em *f5* (LS).

V. Korchnoi não se preocupa com o Pb2 e com razão! Não só porque o desvio da dama das pretas da zona vital (o flanco de rei) já lhes sairia cara, como também se arriscariam a perdê-la depois de 21... Dxb2?? 22. Tb1 Dxa3 23. Cb5 Da2 24. Ta3 Dc4 25. Bd3 e nada há a fazer (JC).

21... Dc7

Única! Pior seria 21... Dxb2?? 22. f5 com forte ataque (LS).

22... f5

Parece-nos melhor 22. Th3 directamente (JC).

22... exf5 23. gxf5

Seria de considerar: 22. De2. Com os lances do texto (particularmente os dois últimos) V. Korchnoi revela-se demasiado apressado, provavelmente por apuros de relógio. (JC).

23... Dd6

Agora se vê como foi importante 21... Dc7, não só defendeu o cavalo, como permitiu este lance que defende *f6* (LS).

24. Th3

Parece-me melhor 24. fxg6 (LS).

24... Cxf5

Única para evitar 25. Dh6 (LS), com consequências evidentes (JC).

25. Bxf5 gxf5

A intermédia 25... Txe1+ 26. Dxe1 gxf5 27. Dh4 deixaria o peão de torre de rei das pretas indefeso.

26. Tg1+ Rh8 27. Th6

Mau seria 27. Dg5? por 27... Tg8 28. Dxf5 Txg1+ 29. Rxg1 Tg8+ e defendentro em seguida o ponto *h7*, as pretas nada têm a recear (JC).

Não resultava 27. Dg5 Tg8 28. Txh7? por 28... Rxh7 29. Dh5+ Dh6 30. Dxf7+ Rh8.

27... Te6 28. Txe6 Dxe6

Duvidoso seria 28... fxe6 29. Dh6 De7 30. Ce2 etc. (se 30... e5?? 31. Dxc6) (LS).

Em caso de 28... fxe6 29. Dh6 De7 30. Ce2 com a ideia de 30... Tg8 31. Cf4 Txg1+ 32. Rxg1 Dg7 + 33. Dxg7+ Rxg7 34. Cxe6+ (se 30... e5?? Dxc6 — LS) e o bispo das pretas é um «mau conselheiro» contra o cavalo das brancas neste final... embora a situação possa vir a equilibrar-se.

29. Dg5 Dg6 30. Dh4 De6 ½-½

V. Korchnoi tinha apenas três minutos e meio para os últimos dez lances, enquanto A. Karpov possuiria cerca de doze minutos... o costume! De qualquer forma o empate parece forçado, à base de 31. Dg5 Dg6 32. Dh4 De6, etc., repetindo-se as posições. Aparentemente seria possível 31. Dg3 mas após 31... Df6 as pretas teriam tempo de reforçar a defesa com a sua torre de dama e o peão de superioridade, ainda que isolado, daria nas vistas (JC).

Quarta partida

KARPOV-KORCHNOI
Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Cxe4 6. d4 b5

Demasiado arriscada é a captura do segundo peão (variante de Riga) 6... exd4 7. Te1 b5 e as brancas podem escolher entre três prometedoras continuações: 8. Bg5, 8. Cxd4 e 8. c4.

7. Bb3 d5 8. dxe5 Be6 9. c3 Bc5 10. Cbd2 0-0 11. Bc2 Bf5 12. Cb3 Bg4 13. Cxc5 Cxc5 14. Te1 Bh5 (!? — AP)

Este lance estava catalogado como mau... até pelo próprio Korchnoi! Habitualmente joga-se aqui 14... Te8 15. Bf4 Bh5 e agora 16. Bg3 ou 16. Dd2, baseado nestas sequências: a) 16... Bg6 17. Bxg6 hxg6 18. Tad1 Ce6 19. Cg5, Euwe-Eliskases, Mar del Plata, 1947, com vantagem das brancas; b) 16... Bxf3 17. gxf3 Dd7 18. Tad1 Ce7 19. Bg3 Tab8 20. f4 Dh3 21. f5! Cxf5 22. Dxd5 Ce6 23. Be4! Ch4 24. Bh1 Cg5 25. e6! Dg4 26. exf7+ Cxf7 27. h3 Dg6 28. Rh2 Df6 29. Txe8+ Txe8 30. Dc6 Dxc6 31. Bxc6 Te6 32. Bd5

Th6 33. Bxc7 Rf8 34. Td3 Tf6 35. f4 h6 36. Rg3 Cf5+ 37. Rg4 h5+ 38. Rxh5 Th6+ 39. Rg4 g6 40. Bg2, 1:0, Klovan-Semenjuk, URSS, 1975.

Mas recordemos que Korchnoi já surpreendera Karpov na segunda partida deste «match» ao jogar 14... d4 nesta posição. Teremos que aguardar uma análise que Korchnoi queira fazer sobre o assunto — ou algum dos seus analistas — para comprovarmos a reabilitação da manobra do texto. E a equipa soviética, que opinião terá sobre o assunto? Aguardemos (JC).

Korchnoi diverge da segunda partida deste «match» (14... d4) e com um lance que ele próprio castiga com um ponto de interrogação na «Enciclopédia de Aberturas», baseando-se num encontro Bronstein-Flohr, URSS 1944, que seguiu 15 Bg5! Bxf3 16. Dxf3 Dxg5 17. Dxf3 Dxg5 18. Dxd5 com vantagem decisiva. Por seu lado, o GM dinamarquês Bent Larsen também condena 14... Bh5 dando a variante 15. Bg5! Dd7 16. Be3! Ce6 17. Bxh7+ e as brancas ganham um peão (17... Rxh7 18. Cg5+ Cxg5 19. Dxh5+ ou 17... Rh8 18. Bf5 Cxe5?? 19. Cxe5 Bxd1 20. Cxd7). Relativamente melhor seria 16... Bxf3, mas as brancas têm clara vantagem depois de 17. Dxf3, pois não é possível 17... Cxe5?? por 18. Dg3! (mais simples que 18. Dh5 Ccd3! 19. Td1 g6 ou Bxh7+!? Rxh7 19. Dh5+ Rg8 20. Bxc5 Cd3 21. Bxf8 Txf8 22. Bxg7!) Ccd3 (18... Ced3 19. Td1 Ce4 20. Dh4! Cxb2 21. Bxe4 ou 20... Cdc5 21. Bxc5) 19. Td1 Cxb2 20. Dxe5 com ganho fácil. Evidentemente, Korchnoi não é nenhum suicida, e não iria adoptar uma variante que ele próprio afirma estar refutada, se não tivesse nada «na manga»!

Se 15. Bg5 Dxg5 16. Cxg5 Bxd1 aqui não parece dar nada 17. Texd1 h6 18. Cf3 Tfd8! 19. b4 Ce6 20. Bb3 Ce7 21. a4 c5!? mas a jogada 17. Bxh7+ deve ganhar. 17... Rh8 18. Tfxd1 f6 19. exf6 gxf6 20. fxd5 Ca4 21. Ce6 Rxh7 22. Cxf8+ Txf8 23. Td7+ Rg6 24. Txc7 Ce5 25. b3. Adensa-se portanto o mistério à volta de 14... Bh5 (AP).

Em xadrez nada é definitivo e os lances considerados hoje como fortes, amanhã serão refutados. Karpov e Korchnoi são melhores que os livros, pelo que não é de estranhar mais situações deste tipo no presente «match». Na análise mencionada como na partida Bronstein-Flohr, após 17. Dxd5 podia seguir-se 17... Tae8! e a vantagem decisiva das brancas transformava-se em jogo nivelado. Senão vejamos: a) 18. Dxc6 Txe5 ameaçando 19... Txe1+ 20. Txe1 Dd2; b) 18. Dxc5 Cxe5 com as ameaças 19... Cxf3+ e 20... Dxc5 ou 20... Cxe1, etc. Creio que após 17... Tae8! a posição está rigorosamente nivelada. (FS).

15. h3 (?! — AP)

Karpov parece querer tanspor para a sua partida com Beljavsky (vidé comentários ao segundo desafio de Baguio) mas Korchnoi, é claro, não irá permiti-lo. Provavelmente o melhor seria «investigar» se 15. Bg5 não merecerá mesmo a exclamação que Korchnoi lhe atribui na «Enciclopédia» (AP).

Que teria jogado V. Korchnoi no caso de ter de enfrentar-se àquele lance? O certo é que A. Karpov ou já conhecerá a refutação dessa linha ou não quis expor-se a nova surpresa do adversário... (JC).

15... Te8

Também aqui V. Korchnoi poderia ter entrado na sequência da 2.ª partida jogando 15... d4, mas foi a sua vez de evitar um provável estudo sobre o referido lance (JC).

16. Bf4 Ce6 (! — AP)

Com 16... d4?! inverter-se-ia o referido jogo Karpov-Beliavsky (AP).

17. Bd2

Um lance talvez motivado pela exclusão de partes, na medida em que A. Karpov pode ter considerado a defesa ou as restantes saídas de bispo como inferiores, após ter gasto h3 em relação às posições clássicas desta variante.

17... Cc5

A alternativa 17... d4? depararia com 18. Be4 e as pretas estariam em vias de ceder material.

18. Bf4

A. Karpov contenta-se com o empate... É evidente que ainda nada o forçaria a isso, caso quisesse jogar g4 defendendo o ataque a e5 ou outra sequência que o debilitasse menos, mantendo a tensão do jogo. Ou não haveria mesmo melhor? Quando há necessidade de se ganhar a todo o custo, os lances, com maior ou menor risco, aparecem sempre... mas nesta situação do «match» não há na verdade grandes preocupações de parte a parte (JC).

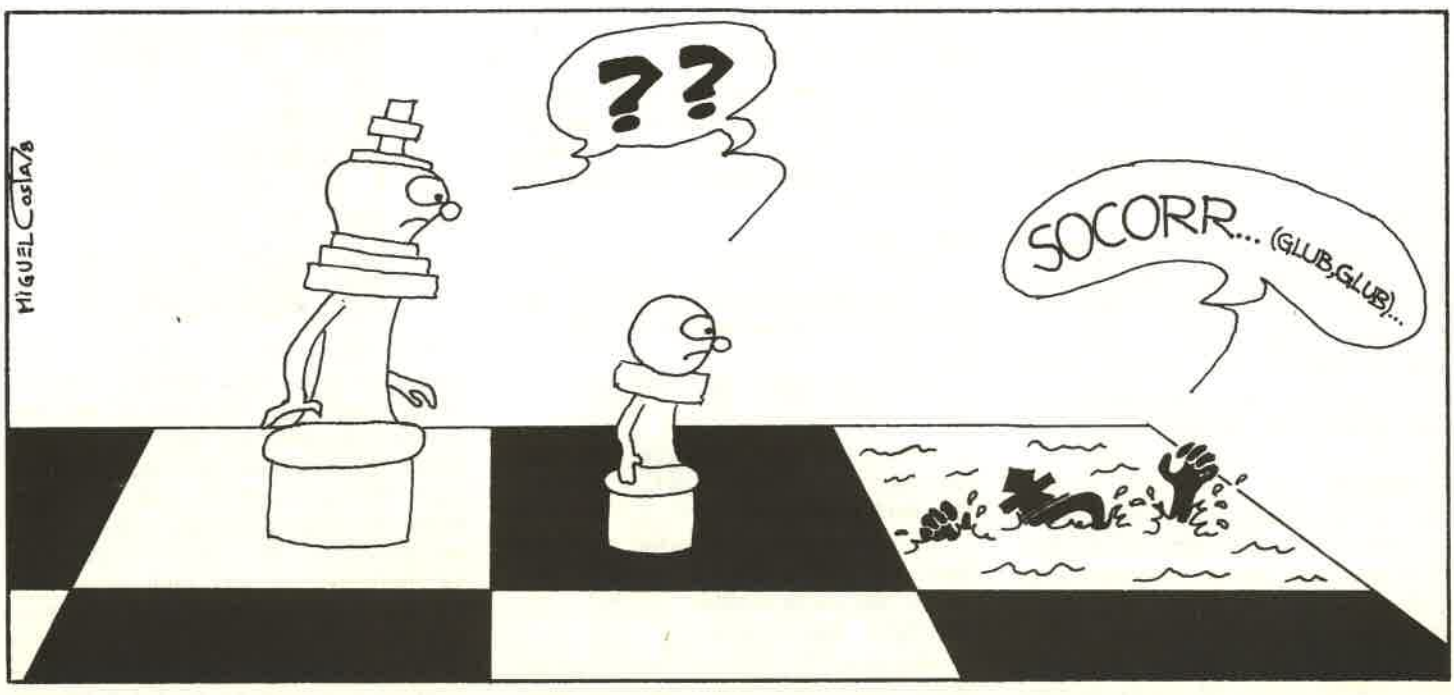
18... Ce6 19. Bd2 ½-½

Empate por repetição de posições, que é facilmente adivinhável depois da última série de lances (JC).

Comentários de:

AP (Álvaro Pereira *in O Diário*)
FS (Fernando Silva *in Diár. de Lisboa*)
JC João Cordovil *in Jornal Novo*)
LS (Luís Santos *in A Capital*)
VS (Vasco Santos *in Diár. Notícias*)

(Compilação de Álvaro Fernandes)



NACIONAL

Lamy Rocha

Distrital de Faro

Organizado pela A. X. Faro, disputou-se o III Campeonato Distrital, que teve em Lamy Rocha o vencedor, sucedendo ao anterior campeão Francisco Machadinho.

Atendendo ao sensível aumento de jogadores e clubes filiados (cerca de 110 jogadores e nove clubes), houve necessidade de modificar os moldes de realização da prova em relação ao que se verificou na época passada, de modo a garantir a participação de todos os jogadores que o desejassem, sem prejudicar o interesse desportivo. Assim, o Campeonato comportou duas fases distintas.

Na fase preliminar era permitida a inscrição de todos os jogadores federados, organizando-se duas zonas, tendo em conta a distribuição geográfica dos xadrezistas: a zona A (Barlavento) incluiu 22 jogadores representando o N. X. Lagos, N. X. Messines, G. D. Marina, C. F. «Os Bonjoanenses» e S. F. Benfica, e na zona B (Sotavento) jogaram 25 jogadores do C. N. Guadina, J. A. A. Estoi, C. D. «Os Olhanenses», C. F. «Os Boujoanenses» e S. F. Benfica (os participantes de Faro foram distribuídos equitativamente pelas duas zonas).

Esta fase foi disputada em sistema suíço de cinco sessões, realizadas em diversas localidades, tendo fornecido a seguinte classificação:

Zona A: 1.º J. Almeida (NXL) — 4½; 2.º R. —Florido (SFB); 3.º H. Furtado (NXL); 4.º A. Gaspar (NXL) — 4; 5.º E. Borges (SFB) — 3½; 6.º J. A. Gonçalves (NXM), 7.º V. Carapinha (GDM), 8.º L. Barradas (NXM), 9.º I. Nobre (NXM), 10.º V. Cabrita (CFB) — 3.

Zona B: 1.º, J. Caldeira (CNG), 2.º F. Gonçalves (SFB); 3.º A. M. Cruz (CNG); 4.º L. Aquino (CNG; 5.º V. Sousa (CNG) — 4; 6.º C. Vietas (SFB) — 3½; 7.º S. Melo (SFB); 8.º M. Oliveira (CDO); 9.º A. Martins (CNG), 10.º J. Figueiredo (SFB) — 3.

Disputaram a fase final o campeão distrital da época anterior, Francisco Machadinho, o campeão de juniores, Hélder Vieira, os dois jogadores com melhor Elo, Lamy Rocha e David Mousinho, e ainda oito jogadores apurados na fase preliminar, quatro em cada série.

Pouco mais ou menos a meio da prova, Lamy Rocha isolou-se no topo da tabela para acabar em 1.º lugar, a 1/2 ponto de Eduardo Borges. Este foi a grande surpresa: 5.º classificado na sua série preliminar, repescado para jogar a final, veio a obter nesta um justo segundo posto.

Após a sua vitória no Interno do Faro e Benfica, Francisco Gonçalves era, segundo muitas opiniões, o favorito. Contudo, perdeu logo a primeira partida com Lamy Rocha, facto que o poderá ter desmoralizado e foi 3.º.

As onze sessões da poule *realizaram-se, na sua quase totalidade, ao sábado, tendo-se verificado, portanto, uma excessiva lentidão no ritmo do torneio, que agravada pela época estival, teve efeitos perniciosos, segundo a opinião dos organizadores:* «Este calendário foi adoptado por se ter verificado no ano anterior que era um pouco duro fazer deslocar os jogadores duas vezes por semana, tendo de percorrer, alguns deles, muito mais de uma centena de quilómetros. Porém, a experiência deste ano tem demonstrado que, ao eliminar-se uma dificuldade de ordem física, foi criada outra de ordem desportiva, o que é pior».

Classificação: 1.º, L. Rocha — 7½; 2.º E. Borges — 7; 3.º F. Gonçalves — 6; 4.º H. Furtado — 5½; 5.º F. Machadinho — 4½; 6.º L. Aquilino; 7.º H. Vieira — 4; 8.º C. Vieitas — 3½; 9.º D. Mousinho; 10.º J. Caldeira — 1½. Eliminados: A. Gaspar, R. Florido.

Na R. P. X. n.º 15, foi noticiado que o Conselho Jurisdicional da Federação considerara improcedente a reclamação de Ilda Miranda a propósito da atribuição do título de campeã nacional. Não é, contudo, conhecida ainda a decisão daquele órgão sobre o assunto. Aqui ficam a rectificação e também a notícia de que I. Miranda participou na fase preliminar do Campeonato Nacional Individual, por desistência da campeã (salvo resolução em contrário do C. J.) Isabel Pereira dos Santos.

No próximo número referiremos pormenorizadamente este acontecimento.

Torneio Bruno Janz

Esta prova realizou-se, durante várias semanas, em Cabo Ruivo, movimentando cerca de sete dezenas de jogadores federados e não federados, entre os quais muitos representantes de núcleos de empresas. Presentes alguns dos melhores xadrezistas da capital, veio a prova a ser ganha por Luís Santos. Fernando Silva e Fernando Sequeira Jr. conquistaram os lugares imediatos.

ARMANDO LOPES — JOAQUIM ANIBAL
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 e5 (variante Sveschnikov é o nome moderno desta aguda defesa, pois foi este grande-mestre soviético quem mais jogou — e ainda joga — sistematicamente o lance 5... e5 com bons resultados. A variante já teve outros nomes, tais como defesa Lasker — com registo de patentel — Pilnik ou Pelikan. A sua popularidade actual é de tal ordem que o último Informator apresenta tantas Sveschnikovs como espanholas!) **6. Cdb5 d6 7. Bg5 a6 8. Bxf6** (mais usual é 8. Ca3 b5 9. Bxf6 ou 9. Cd5; ver RPX n.º 11, p. 188) **gxf6 9. Ca3 f5!** (a teoria sobre 9... b5 10. Cd5 f5, etc. é demasiado vasta, mas sobretudo muito instável e, por isso, perigosa) **10. Dh5** (talvez 10. Bc4!? seja melhor) **Bg7?** (correcto aqui é 10... d5!, pois se 11. Cxd5 Bxa3 12. bxa3 Da5 13. c3 Be6 14. Tc1 0-0-0 15. Bc4 Dc5 16. Bb3 fxe4 17. Ce3 Cd4!, com vantagem negra, ou 11. exd5 Bxa3 12. bxa3 Da5 13. Rd2 Ce7 14. De2 Be6 15. Dxe5 0-0-0, etc., ou 11... 0-0-0!?. Incorrecto também seria 10... b5?! 11. exf5! b4 12. Bc4, segundo o GM Uhlmam com vantagem decisiva branca; e depois de 12... Ta7!...?) **11. exf5?** (11. Bc4! oferecia às brancas uma clara vantagem) **d5! 12. 0-0-0 Cd4! 13. g4?! b5 14. Ce2 Cxe2+ 15. Bxe2 e4!** (as pretas jogam no mais puro estilo Sveschnikov) **16. f3 Df6 17. c3 b4 18. Cb1 bxc3 19. bxc3** (19. Cxc3!? Bb7 20. fxe4 Tc8 21. Td3 dxe4, com vantagem negra. Pior seria 19... Dc6 em vez de 19... Bb7 por 20. f6! Bxf6 21. Dxd5) **Bh6+ 20. Rc2** (se 20. Rb2 Tb8+ 21. Ra1 Db6) **Bd7 21. Txd5** (21. Td4 era melhor) **Ba4+ 22. Rb2 Tb8+ 23. Ra1 Bg7!** (23... Db6! também servia; a ameaça é Dxc3+ e se 24. Td4 Dxd4! Agora é tudo forçado) **24. Tc1 Db6 25. Td2 e3 26. Bc4 exd2 27. Dxf7+ Rd8 28. Dd5+ Rc7 29. Dxd2 Bh6!** (voltando à diagonal anterior!) **30. f4 Thd8 31. De2 Bxf4 32. Tf1 32...Bd1!! 33. De7+ Td7 34. Db4 Dxb4 0:1** (se 35. cxb4 Be5+; a vitória total do bispo negro! Esta partida será provavelmente a mais brilhante do «Bruno Janz 78»).

(comentários de LUÍS SANTOS)

CRÓNICA DE UM «HIBERNADO»

Os loucos de Cabo Ruivo

Tenho ouvido dizer que Portugal é um país de loucos. Não vejo que haja razão forte para que os xadrezistas sejam uma excepção.

Esta asserção ocorreu-me quando o dia nasceu no 1.º de Julho último.

Através das largas janelas do refeitório de uma empresa de Cabo Ruivo, as sombras da noite rendiam-se aos primeiros alvores da madrugada.

Uma voz soou ao microfone: «Meus senhores, o dia está a nascer! Vamos andar mais depressa». Então, eu, que, como os leitores destas crónicas sabem já, estive longo tempo «hibernado» deste mundo fascinante que é o xadrez, e quase passei de uma geração para outra como quem desperta de um sono de duas décadas, pensei no título em epígrafe.

Os leitores, sobretudo aqueles que passaram aquela vigília frenética, são capazes de sorrir. Os loucos de Cabo Ruivo...

«Tem piada» — dirão alguns com esplêndido espírito desportivo, e muito convencidos de que estou a fazer «blague».

Claro que eles interpretam esta ideia em sentido figurado. Talvez se enganem. Tudo depende do prisma de uma época. Senão, imaginem a cena.

Há um quarto de século, na douta Sociedade de Geografia. Ao tempo, a sede central da actividade xadrezística nesta pacata capital, embalada numa modorra secular, cujas paredes e muros jamais poderiam ter a multicor e gritante decoração que têm hoje.

Imaginem uma sessão solene de empossamento de corpos gerentes nesse período (1951-52), que considero a época de oiro do xadrez antes-25-de-Abril (como estive longo tempo hibernado, não sei exactamente se estou certo nesta asserção).

Imaginem, xadrezistas do tempo presente, os convidados ilustres. Se bem me lembro, havia até um almirante representando a prestigiosa Sociedade de Geografia (e talvez não saibam, prezados amigos, e isto pode ler-se num jornal da época, esteve certa vez presente a figura histórica que se tornaria mais tarde — Humberto Delgado, então ainda coronel!...), — imaginem todos aqueles discursos de apologia do xadrez (que ao povo custava a entender), todos os presentes engravatados, solenes.

Sim, imaginem a cena: eis que se levanta um Ivo de Oliveira e propõe:

«Meus senhores, vamos finalizar o nosso torneio lá em Cabo Ruivo com uma ceia, e depois, lá para as três da madrugada, disputamos um torneio de rápidas. Seremos só 64 jogadores e...»

Bem, provavelmente não poderia dizer mais nada. Os outros é que diriam: «mas este tipo está maluco!...».

Mesmo que não o dissessem, pensavam. Na melhor das hipótese, o Ivo teria a solidariedade dos circunstantes, que o aconselhariam a tratar-se, etc., etc.

Como vêem, prezados companheiros de manicómio — perdão, do refeitório, misto de estádio de xadrezistas — esta acepção de loucos não é assim tão imprópria como isso. Com o devido respeito, claro, em especial para com as senhoras participantes na festa. Como disse, tudo depende da época em que se realize o evento.

Pois é verdade. O I Grande Prémio Bruno Janz — teve este epílogo original que os xadrezistas do nosso tempo já encaram com aquela naturalidade muito própria do país em que vivemos, onde acontece muito pior e ninguém é internado.

Depois de concluído o torneio, retiraram-se os tabuleiros, as peças e os relógios. As mesas ficaram ocupadas com pratos de febras de porco com batatas fritas, bem regadas, como soe dizer-se, morangos, mousse, etc.

Passou-se a comer de verdade, isto é, deixaram-se os xadrezistas de «comer» peões, cavalos, enfim, aquele arsenal que tanto nos diverte.

Foi uma autêntica festa de confraternização, a que se associaram familiares e muitos jogadores que não disputaram o I Grande Prémio Bruno Janz, mas predispostos a baterem-se na ceia e depois nessa brincadeira infernal a que hoje chamam rápidas.

(Já aqui referi, mas saiu incrivelmente gralhado, como aliás hilariantemente boa parte da crónica, que dantes designavam-se por «eléctricas» ou «xadrez pingue-pongue» — e não...).

Adiante. Foi também uma festa de aniversário. Por curiosa coincidência, fizeram anos nesse dia o vencedor da prova — Luís Santos — e um dos seus mais directos rivais — o Fernando Sequeira (aliás, Júnior), para não se confundir com o pai, quando mais exacto seria juvenil...

Não faltaram os bolos com as velas (23 no do Luís e apenas 17 no do Fernando) e os comensais desafinaram um bem-intencionado «parabéns a você», que saiu pior que um ensaio refutado da Caro-Kann.

Ambiente festivo, que uniu gentes de todas as idades (o que nos meus bons velhos tempos não seria fácil, pois além da minha humilde pessoa, do João Mário e de um ou outro jovenzito trasviado, a «malta» contava de «vintes» para cima, e muito acima) e que nos deu a salutar imagem de que os xadrezistas são gente normal como qualquer pessoa que aprecia os comes e bebes e convívio social.

Durante a ceia, o Sobreda Antunes e o Manuel Serra, que se pelam por estas organizações («estas», de xadrez, como simultâneas, rápidas, etc.) trocaram impressões a meu lado sobre a melhor maneira de fazer disputar as «eléctricas» (termo muito próprio, porque eram à luz de lâmpadas), isto é, a divisão e multiplicação das séries.

São 64. Seis séries de dez e onze, e finais de dez não dará para uma tarde? — ponderava o Sobreda.

Opinei que desde que acabasse antes de Agosto, por causa das «preliminares» do Nacional, tudo estaria certo...

Bem, eram duas horas da manhã, e ainda se estava à mesa. Eram três quando os gloriosos malu... quer dizer, os xadrezistas, começaram na sua faina noctívaga de «despachar» partidas, como quem come cerejas.

Devo confessar que considero as rápidas como coisa execranda. Aquilo é uma caricatura de xadrez, que transforma um pintor de quadros bucólicos num caiador de paredes de empreitada... Até porque não tenho queda nehuma para tal disparate, prometo sempre não me tornar a meter noutra, apareço (gosto de confraternizar com a rapaziada) e acabo sempre por me meter no barulho.

Fui pois, um dos loucos de Cabo Ruivo. Provando a mim próprio, com ou sem juízo, que o «hibernado» ainda está vivo. Desta feita fui parar a uma série em que seguia na esteira (naquela rotação que tanto simplifica e mecaniza o emparceiramento) do dr. Renato de Figueiredo. Nunca vi «pingue-ponguista» de xadrez mais fleumático. Prolonga a levitação da seta de uma forma milagrosa e quando ela cai (frequentemente), permanece impávido e sereno.

«Gosto de jogar rápidas devagar!» — diz ele.

Confúcio, se jogasse xadrez, não entenderia melhor.

A fechar esta crónica, quero fazer uma menção especial. De muita admiração e apreço.

Os loucos não estavam sós. Muitas senhoras e até meninas, como a Ana Maria Pereira dos Santos, que às 7 da manhã ainda ajudava a preencher os quadros de classificação! (Meu Deus, esta gente de agora dá com um pobre hibernado em doido!) — passaram aquela «santa noite» a fazer companhia aos «gloriosos»... Conversando umas com as outras, vendo uma ou outra partida, jogando, convivendo.

Há muitos anos, na tal «época de oiro» lembro-me bem, pois me tocara de perto — havia também um núcleo de senhoras que aguentava a pé firme aquelas longas horas de torneio e de animadas análises, inclusivé.

Já eram então consideradas umas heroínas — e chegaram até a constituir um núcleo denominado «Dama Branca».

Os tempos passaram. E elas acompanharam a época. Já «aturam» as nossas

maratonas. Pacientemente, como as «pioneiras». Sobretudo — e isto é que é mais admirável — compreensivamente.

Não me ocorre agora quem foi que disse que o xadrez nos torna felizes. Elas compreendem. Talvez que, de quando em vez, a gente exagere um bocadinho, como em Cabo Ruivo. Mas, tal como um dia não são dias, uma noitada não são noitadas. Loucos ou não, a verdade é que as «Rápidas do Bruno Janz» tiveram muita piada.

«Foi giro — dizia-se à saída, a caminho dos autocarros que, havia muito, já circulavam.

Parabéns, e até para o ano. Se Deus nos der vida e... saúde!

VASCO SANTOS

O MEU MELHOR SACRIFÍCIO

7
J. C. COSTA - L. VENTURA
Corr. 1977

Jogam as pretas

8
J. A. SILVA - J. E. DEUS
Corr. 1977

Jogam as pretas

9
A. FERREIRA - M. TENREIRO
Guarda 1978

Jogam as brancas

IX OLIMPÍADA POR CORRESPONDÊNCIA

Portugal vai em terceiro

Continuam a disputar-se as preliminares da IX Olimpíada de Xadrez por Correspondência, nas quais a equipa portuguesa se encontra integrada no Grupo I, juntamente com as formações de mais doze países. Os últimos resultados dos nossos representantes (a que há a acrescentar os já referidos nos números 11 e 14 da «RPX») foram os seguintes a 1.º tabuleiro, Álvaro Pereira empatou com os seus adversários suiço e belga; a 2.º, Luís Santos venceu as Honduras, anulando com o Canadá e a Suíça; a 3.º, Raul Soares Nobre perdeu com a Finlândia; a 4.º, Victor Silva derrotou a Bélgica e as Honduras; a 5.º, António Pereira dos Santos não concluiu ainda nenhum encontro; e a 6.º, José Pereira dos Santos ganhou ao Uruguai.

Concluídos 119 dos 468 desafios do nosso grupo (isto é, um pouco mais de um quarto), é a seguinte a classificação provisória: 1.º/2.º Finlândia (12 pontos em 16) e Hungria (6/8) — 75%; **3.º Portugal (15/21) — 71,42%**; 4.º Suécia (19½/28) — 69,64% 5.º Itália (5½/8 — 68,75% 6.º Roménia (4½/7) — 64,28%; 7.º Suíça (18½/29) — 63,79%; 8.º URSS (7/11) — 63,63%; 9.º Canadá (8/15) — 53,33%; 10.º Irlanda (7½/15) — 50%; 11.º Bélgica (12/33) — 36,36%; 12.º, Honduras (2/24) — 9,09%; 13.º Uruguai (1,5/25 — 6%.

É claro que ainda muito há que jogar, e é difícil que Portugal possa manter a sua actual excelente posição, até porque equipas como a URSS e a Roménia devem começar em breve a «subir».

Entretanto, iremos continuar com a pequena história de participação portuguesa nesta importante prova. Depois do brilharete, já aqui referido, que se conseguiu na I Olimpíada, Portugal só voltou a participar na VII edição deste torneio. A falta de estruturas e expansão do nosso xadrez, a que se juntou o extraordinário desenvolvimento dos outros países durante esse tempo, tornaram impossível um resultado-surpresa como o obtido pela equipa anterior. Por isso, não obtivemos melhor que um penúltimo lugar no nosso grupo, mas com uma participação que, de qualquer forma, não envergonhou ninguém. Quanto mais não fosse, era o reinício de uma actividade internacional que, mais cedo ou mais tarde, haveria de produzir alguns frutos.

O «team» português para a VII Olimpíada era constituido pelos seguintes jogadores (entre parêntesis a pontuação obtida nos sete encontros por cada um disputados): João Cordovil (2½), Dr. Tavares da Rocha (0), Eng.º Hélder Sardinha (2½), Eng.º José Melo Santos (3), Raul Soares Nobre (3½) e Lucílio Ventura, e a classificação do grupo foi: 1.º Hungria — 29½ (de 42); 2.º Jugoslávia — 26½; 3.º Roménia — 26; 4.º Canadá — 21½; 5.º Turquia — 19½; 6.º Argentina — 16; **7.º Portugal — 15**; 8.º Bélgica — 14.

A fase final viria a ser ganha pela URSS, seguida da Bulgária e Grã-Bretanha.

Em seguida, publicamos duas partidas. Uma do Eng.º Melo Santos, travada na VII Olimpíada, durante a qual faleceu num acidente de viação em Angola, simples homenagem ao seu inegável talento de xadrezista e a toda a equipa de que fez parte. É um jogo ainda hoje de importância teórica (na variante aberta da Espanhola, que decerto voltará a estar de moda, com o «match» Karpov-Korchnoi), que reproduzimos do Suplemento de Xadrez do «Vai d'Arrinca», boletim coordenado por Edmundo Barrué que, no final do último decénio, tentou suprir a falta de uma revista portuguesa da especialidade.

O segundo desafio pertence já à IX Olimpíada. Trata-se da única vitória até agora obtida pelo nosso «top-board» (os seus outros quatro jogos terminados foram empates), à custa do seu adversário irlandês. Embora pertencendo a uma das poucas equipas à partida mais débeis que a nossa, John Murray é um forte xadrezista, com uma norma para o título de mestre internacional, alcançada nas recém-terminadas preliminares do I «Europeu» por Equipas onde, o 1.º tabuleiro, obteve mais meio ponto do que o soviético W. Zagorovski, duas vezes campeão do mundo.

P. CLÉMENT (Bélgica) —
— **M. SANTOS** (Portugal)
Corr. (VIII Olimp.), 1968/9
Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 b5 6. Bb3 Cxe4

A defesa aberta da Ruy Lopez, que origina um jogo incisivo e permita às pretas interessantes possibilidades tácticas.

Tem todavia de ser conduzida pelas pretas com bastante precisão, pois de contrário as brancas obtêm vantagem decisiva através de ataque directo ao roque apoiado no avanço do peão f.

Possivelmente por esta razão é uma defesa raramente empregada. Mas, pelo menos por correspondência justifica-se o seu emprego por conferir às pretas maior gama de possibilidades que a defesa fechada, embora à custa de maior risco.

7. d4 d5 8. dxe5 Be6 9. c3 Be7

A continuação mas sólida. A alternativa 9. Bc5, embora jogável, é demasiadamente arriscada.

10. Be3

A continuação usual é 10. Cbd2, atacando imediatamente o *Ce4*. O lance adoptado pelas brancas, em desuso durante muito tempo, foi ultimamente revivido com vista a certas possibilidades de ataque que veremos mais adiante.

10... Ca5 11. Cd4

O melhor. 11. Cbd2 Cxd2 12. Dxd2 Cxb3 13. axb3 c5 é favorável às pretas.

11... 0-0

Se 11... c5? 12. Cxe6 fxe6 13. Dg4!, e se 11... Cxb3 12. axb3 Dd7 13. b4, em ambos os casos com vantagens para as brancas.

12. f3?!

Em vez do habitual 12. Cbd2, as brancas decidem-se por uma variante de Keres, visando obter ataque fortíssimo a troco de um sacrifício de peão:

12. f3 Cc5 13. Bc2 Cc4 14. Bc1 Cxe5 15. b4 Cb7 16. f4 Cc4 17. Dd3 g6 18. f5 e as brancas devem ganhar.

Acontece que descobrimos uma refutação, tanto quanto sabemos constituindo novidade teórica, e por isso permitimos a variante.

12... Cc5 13. Bc2 Cc4 14. Bc1 Cxe5 15. b4 Cb7 16. f4 Bg4!

O início da refutação.

17. De1

Agora parece à primeira vista que as pretas perdem material, pois se o *Ce5* retira, segue-se 18. Cc6, com ganho de peça. Mas...

17... c5!! 18. bxc5

Se 18. Dxe5 Bf6 19. De3 cxd4 com vantagem negra. Todavia, as brancas deveriam ter escolhido esta variante, ou alternativamente 18. fxe5 cxd4 19. cxd4 Db6, etc., resignando-se a uma desvantagem posicional que, embora desagradável, não era decisiva.

Em vez disso persistem na ideia de prosseguir no ataque, o que as conduzirá rapidamente à derrocada.

18... Cc4

O cavalo agora já pode retirar, pois se 19. Cc6?, segue 19... Bxc5+, conservando o peão de vantagem com excelente jogo.

19. f5 Bh4!

E não 19... Bxc5?, que perderia o *Bg4*

20. g3 Te8 21. Df2 Bg5 22. Bxg5 Dxg5 23. Df4 Dxf4 24. Txf4 Bh3!

As brancas, já em inferioridade posicional decisiva, têm agora de fazer face a uma série de ameaças tácticas que lhes não permitem o reagrupamento. O lance do texto ameaça 25... Te1+ 26. Rf2 Tf1+ 27. Re2 Te8+, com mate ou perda de material.

25. Rf2 Ce3 26. Ca3 Cg4+ 27. Rg1 Cxc5

Recolhendo o primeiro peão na altura própria, pois as brancas não podem sacudir a pressão.

28. Td1 Te3 29. Tf3 Txf3 30. Cxf3 Ce3 31. Td4

Forçado. 31. Te1 Cxc2 32. Cxc2 Ce4 ganha segundo peão.

Melo Santos

31... Td8

Ameaçando ganhar o peão *f5*.

32. Tf4 Bf1!

Tendo terminado a sua missão na ala do rei, o bispo é transferido para a ala da dama.

33. Cd4 Bc4 34. Cxc4

Novamente forçado. Se 34. Bb1 Ca4 35. Tf3 Cd8 e o peão *c3 cai*.

34... dxc4 35. Tf2 Cd5 0:1

Pois perdeu segundo peão numa posição sem esperança.

Se, por exemplo, 36. Tf3 Cxc3! 37. Cc6 Td3! e se 36. Ce2 Cd3!

Uma partida tensa e de interesse para a teoria da abertura.

Comentários do Eng.º MELO SANTOS

J. MURRAY (Irlanda) —
— A. PEREIRA (Portugal)
Corr. (IX Olimp.) 1977/8
Grünfeld

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 d5 4. Cf3 Bg7 5. Db3 dxc4 6. Dxc4 0-0 7. e4 Bg4 8. Be3 Cfd7 9. Db3 Cb6 10. Td1 Cc6 11. d5 Ce5 12. Be2 Cxf3+ 13. gxf3 Bh5 14. h4

As brancas mantêm-se dentro das mais clássicas rotas do sistema Smyslov da Grünfeld, elegendo esta antiga sub-variante. De muito interesse é a continuação 14. Tg1 (!), recentemente reabilitada por Portisch.

14... Dd7 15. a4

Um sacrifício de peão conhecido pela teoria. Se agora 15... Bxc3 16. bxc3 Dxa4 17. Dxa4 Cxa4 18. Rd2, e as brancas estão melhor.

15... a5 16. Cb5 Cc8 17. f4

Inferior é 17. Bd4, utilizado por Smislov no *match* de 1958 para o Campeonato do Mundo. Em lugar de 17... Cd6?, como contestou Botvinik (18. Bxg7 Rxg7 19. Cd4 Cg8 20. Tg1 Dh3 21. De3 c5 22. dxc6 bxc6 23. Dh6 c5 24. Cc6 1.0), podem as negras tomar a iniciativa com 17... Bxd4 18. Cxd4 Cb6 19. Bb5 Dd6.

17... Bxe2 18. Rxe2 Cd6

Se 18... c6 19. dxc6 Dxc6 20. e5 Cb6 21. Tc1, com vantagem, Uhlmann-Kozma, Zinnowitz, 1967.

19. Cxd6!?

Isto é novidade teórica. Uma análise de Bukic' segue com 19. Cc3 b5 20. e5 bxa4 21. Cxa4 Tfb8, com jogo confuso.

19... exd6!

Um erro estratégico seria 19... cxd6?. As brancas ficavam melhor com 20 f3!, solidificando o centro e a ala do rei, e pondo consequentemente os olhos na fraqueza de *b6*.

20. f5!?

A considerar seria também 20. h5!?. As brancas não podem ficar inactivas ante a latente ruptura em *b5*.

Nesta posição, gastei nada menos nada mais que dezasseis dias para encontrar uma resposta adequada. Não me convencia 20... gxf5, devido a 21. Thg1! f6 (21... Rh8? 22. Txg7 23. Tg1+ Rh8 24. Bh6 f6 25. Bg7+ e as pretas perdem a dama, entrando num final desesperado) 22. h5! Rf7 23. h6, com compensação.

O meu «palpite» inicial ia para 20... c5, considerando 21. h5 b5!, com vantagem em todas as ramificações, mas descobri a tempo 21. dxc6! não era tão inofensivo como poderia parecer, depois de 21... bxc6 22. Dd3!

Passei então a analisar 20... De7 que, acabando também por me não seduzir, viria a conduzir-me à ideia contida no lance finalmente efectuado.

20... Tad8!! 21. f3

Não 21. fxg6? Dg4+ 22. f3 Dg2+ 23. Bf2 fxg6 24. Tdg1, e tanto 24... Txf3+ 25. Dxf3 Txc4+ como o imediato 24... Txe4+ são bons.

21... gxf5! 22. Thg1 Rh8! 23. Txg7 Rxg7 24. Tg1+

Desembocava num final inferior 24. Bh6+ Rh8 25. Bxf8? Txf8.

24... Rh8 25. Bh6 Tg8 26. Dc3 Te5+

A chave do vigésimo lance.

27. Bg5

Não servem 27. f4 Txg1 nem 27. Txg8+ Rxg8.

27... Txg5 28. Txg5 f6 29. Txf5??

Um erro perfeitamente inexplicável num jogador da talha de Murray! De qualquer forma, após 29. Tg1, as negras jogariam de caras a ganhar.

Havia apenas que escolher entre a) — 29... fxe4 30. f4 Tf5 31. Re3! b) — 29... c6 30. dxc6 (30. Dxa5 cxd5) Dxc6 31. Dxc6 (31. Db3 d5) bxc6 32. Rd3! e c) — 29... c6 30. dxc6 bxc6 (!). Esta última parece ser a variante mais concludente; de qualquer forma, o incrível «estampanço» das brancas poupou-me a um difícil «trilema»...

29... Dxf5 0:1

Comentário de A. PEREIRA

Cuidado com o tártaro!

«Desta vez ainda escapam todos. Veja lá se fuma menos!». Fechei a boca e levantei-me aliviado da cadeira, enquanto o dentista acendia distraidamente um cigarro, e inumerava uma série de judiciosas razões para eu cortar com o tabaco (às quais acrescentei em silêncio a do seu aumento...). *«Só serve para lhe dar cabo dos dentes. Cuidado com o tártaro!»*

Nem os bonitos olhos da enfermeira (1) que me levou o «taco» de dia e meio de trabalho me fizeram esquecer o tom diluviano com que aquelas derradeiras palavras foram proferidas. Raspei-me. Aprendi o novo preço da cerveja no café em frente, enfiei um postal de xadrez por correspondência no marco, não sem antes verificar se estava selado de acordo com as novas tarifas, apanhei um táxi trinta por cento mais caro (2), pensei que com tudo a subir desta maneira o futuro está realmente na astrologia, e só voltei a sentir-me de bem com o mundo quando me vi com um tabuleiro à frente e saquei da estante de um número de uma velha revista argentina, nascida no mesmo ano que eu, mas que deu o bafo bastante mais cedo (3).

Descobri então que o jugoslavo Boris Ivkov fora o vencedor do «Trofé Presidente Peron», li um interessante artigo de Karel Opocenski sobre o desenvolvimento do xadrez no seu país (*«A organização checoslovaca de xadrez era, na altura, — 1933! — relativamente modesta, não contando nunca com mais de 10 000 membros»*, atreve-se ele às tantas a dizer, com que me senti quase tão insultado como se Jimmy Carter afirmasse que *«isto vai mau, nós não podemos trocar de carro mais de duas vezes por ano»*, bati palmas pelo triunfo de Efim Geler no XXII Campeonato da URSS, após derrotar Lev Polugaievsky em *match* de desempate, diverti-me com as novidades teóricas das Olimpíadas de Amesterdão, compiladas por Moiseev e pelo nosso amigo Suetin, apostei no *«jovem mestre soviético Boris Spassky* (há-de chegar longe este rapaz!)... e dispus-me a reconstituir a partida assinalada como *«Prémio de Brilhantismo»*.

«Rashid Nezmetdinov, nascido em Kazan, nas margens do Volga, no ano de 1912 (...) é possuidor de um estilo bizarro e, com toda a certeza o primeiro **tártaro** *(4) a jogar xadrez internacionalmente»*.

Onde já iam o médico, a enfermeira e os quinhentos paus da consulta quando li isto!... Mas, ao acabar de ver o jogo que se segue, e em que Nezmetdinov, à falta de sabres cossacos na sua cavalaria, sacrifica-a, e ataca galhardamente com a baioneta da infantaria, não pude deixar de exclamar como o meu dentista: *«Cuidado com o tártaro!»*.

NEZMETDINOV — PAOLI
Bucareste 1954
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. Bg5

O já referido artigo sobre as novidades teóricas de Amesterdão incide precisamente sobre *«esta variante, que ainda não tem denominação definitiva»*...

«Nuestro Tablero» transcreve o comentário da revista «Deutsche Schachzeitung»: *«A jogada Bg5 em todas as situações da vida! Esta posição é recomendada por L. Szabo»* (5). Sabiam? Eu não...

O tártaro Nezmetdinov

6... e6 7. Df3

Em vez deste lance, 7. f4 é recomendado por Fischer, Spassky, Tal, Bronstein, Geler, Hort, Gligoric, Browne, Ljubojevic e Victor Silva na «Secção de Consulta».

7... Be7

Julgo preferível 7... h6 8. Bh4 (8. Bxf6 Dxf6 9. Dxf6 gxf6 dá um belo jogo às negras) Cbd7, sem dificuldades para equilibrar.

8. 0-0-0 Dc7 9. Tg1 Bd7?!

Actualmente é tida como mais correcta a continuação de Polugaievsky 9 ...0-0 10. g4 b5!, com boas oportunidades para ambos os jogadores.

10. g4 Cc6 11. Be3! h6?!

A posição não é cómoda, mas deve ser mais exacto 11... Ce5, que Filip ensaiou no mesmo torneio, tendo Ciocaltea respondido com 12. De2, e o jogo terminou empatado. Segundo Polugaievsky, na «Enciclopedia de Aberturas», as brancas ficam em vantagem com 12. Dh3, planeando 13. g5. No entanto, após 12... h6, esta parece-me menor do que a obtida por Nezmetdinov.

12. h4 Tc8?

Demasiadamente lento. Urgia acelerar o contra-ataque com 12... b5.

13. g5 hxg5 14. hxg5 Ce5 15. Dg2!

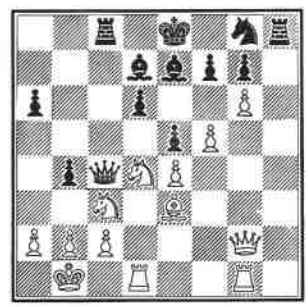
Aí está! Agora dispõem as brancas desta magnífica retirada (11... Ce5 12 Dg2? Cfxg4).

15... Cg8 16. f4 Cc4 17. Bxc4 Dxc4 18. f5 b5 19. Rb1

Parece possível o imediato 19. g6.

19... b4 20. g6! e5?

Duvido que as negras acabassem por escapar, mas 20... f6 era forçado. Em contrapartida, se 20... bxc3? 21. gxf7+ Rxf7 22. Dg6+! Rf8 23. fxe6 Ch6 24. Tdf1+ Bf6 25. Dxg7+, etc.



21. b3!

Um simples mas bonito sacrifício de desvio.

21... Dxc3 22. gxf7+ Rd8

Se 22... Rxf7, tudo serve para ganhar...

23. Dxg7 exd4 24. Bxd4 Dxc2+ 25. Ra1 Ta2 26. Bb6+ Tc7 27. Dxg8+ 1:0

Este abandono é quase um crime! O corajoso infante bem merecia dar o golpe de misericórdia, ao mesmo tempo que era promovido a general!

---

(1) Liberdade poética. Na verdade, ela usava óculos escuros.

(2) Não fui a pé, porque ao preço a que estão as meias-solas...

(3) «Nuestro Tablero» («O Tabuleiro Deles» tradução livre) n. 1954; † 1956.

(4) O sublinhado é cá do rapaz.

(5) Fim de citação das citações.

ÁLVARO PEREIRA

Por vezes, a quantidade de informação e as limitações de espaço da nossa revista obrigam-nos a guardar (temporariamente) artigos «na gaveta». O querermos dar o devido relevo ao match Karpov-Korchnoi implica que, durante alguns meses, alteremos o figurino da R.P.X. Assim, não podemos inserir neste número as habituais secções de Temas Estratégicos e de Finais, e ainda a continuação do artigo sobre o sistema Elo. Pedimos desculpa aos nossos leitores, aproveitando para chamar a atenção para o próximo número.

INTERNACIONAL

Holanda

O Compeonato Nacional holandês, que se disputou em Leeuwarden, cidade do norte do país, foi ganho por Tinsman e Sosonko. Bom 3.º lugar para o veterano Donner, com duas vitórias e onze empates.

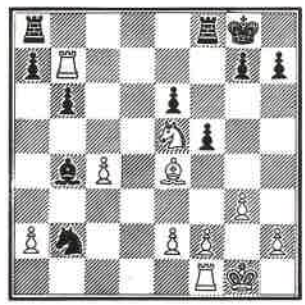
1.ºs Tinsman e Sosonko, 9; 3.º Donner, 7½; 4.ºs Ree e Baljon, 7; 6.ºs Böhm e Ligterink, 6½; 8.ºs Hartoch e Kuijpers, 6; 10.º Van der Vliet, Hofland e Langeweg, 5½; 13.º Van der Sterren, 5; 14.º Scheeren, 4½.

SOSONKO — VAN DER STERREN
Catalã

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. g3 d5 4. Bg2 Be7 (com 4... dxc4 as brancas também estão bem) **5. Cf3 0-0 6. 0-0 b6 7. Ce5 Bb7 8. Cc3 Ca6** (a posição pode ainda ser proveniente, por outra ordem de lances, de uma Índia de Dama. Este 8... Ca6 havia já sido experimentado por Byrne contra Karpov; outras hipótesse são 8... c6 — Nimzowitch — e 8... Dc8 — Botwinnik) **9. b3** (bem no estilo de Sosonko. Este não se aproveita de imediato da posição do *Ca6*, que contrasta com o super centralizado *Ce5!* Aliás outros lances não parecem ser tão favoráveis às brancas. Por exemplo: A. 9. cxd5 exd5 10. Bg5 c5?! — mais correcto é 10... Ce4! — 11. Da4! — Ce4!, com chances mútuas, como na partida Smejkal-Byrne, Biel 1976. B. 9. cxd5 exd5 10. Da4 De8! 11. Dxe8 Tfxe8 12. Bg5 Ce4 13. Bxe7 Txe7 14. e3 c5 15. Tfc1 cxd4, com jogo igual, Andersson-Balashov, Tilburg 1977. C. 9. Bf4 c5 10. Tc1 Ce4 11. cxd5 exd5 12. Be3 Dd6 13. Cc4 De6 14. Cxe4 dxe4 15. dxc5 Cxc5 16. Dc2 Tac8 17. Db1 Tfd8 18. b3 f5 19. Tc2 Ca6 20. Td1 Bd5 21. Cb2 Cb4 22. Tcd2 Cc6 23. Ca4 Bf6, com ligeira vantagem das pretas, Browne-Karpov, Las Palmas 1977. D. 9. Be3 c5 10. Tc1 Ce4 11. cxd5 exd5 12. Cxe4 dxe4 13. dxc5 Bxc5 14. Bxc5 Cxc5 15. b4 Ce6 16. Cc6 De8! 17. Bxe4 Cd8 18. Dc2 Cxc6 19. Bxc6 Bxc6 20. Dxc6 Dxe2 21. Tc2 = Browne-Tal, La Palmas 1977) **c5 10. Bb2 Ce4** (se 10... cxd4 11. Dxd4 Cac5 12. Tfd1 dxc4 13. Dxc4 Dc8 14. Bxb7 Dxb7 15. b4 Cd7 16. Dc6, com ligeira vantagem das brancas, ou 15... Cce4 16. Cxe4 Dxe4 17. Dxe4 Cxe4 18. Cc6, e o final é vantajoso para as brancas) **11. Cxe4 dxe4 12. dxc5 Cxc5 13. b4 Dxd1** (a posição após 13... Ca6 14. a3 não agradava a Van der Sterren) **14. Taxd1 Ca4 15. Td7 Bxb4 16. Txb7 Cxb2 17. Bxe4 f5?**

(Perdente. Porém as pretas continuariam a ter problemas após 17... f6. Por exemplo: 18. Cc6 Bc5 19. Tc1 a5 20. Tc2 Ca4 21. Td2 Tfe8 22. Tdd7 Bf8 Mais forte para as brancas era ainda **18.** Cd7 Tf7 19. Tb1 Ba3 20. c5 Cc4 — se 20... bxc5 21. T7xb2 — e agora o avanço do peão a *c6* é muito forte. Outra possibilidade favorável às brancas seria 18. Tb1 fxe5 — 18... Ba3 19. Cd7 — 19. Txb2 Bc5 20. e3 a5 21. T7xb6 Bxb6 22. Bxa8 — 22. Txb6 Tab8 23. Txe6 Tb2 — Bxe3 23. fxe3) **18. Bc6 Bd6 19. Cf3 Cxc4 20. Td1 Ca5** (para 20... Tfd8 21. Bd7 Ca5 22. Bxe6+ Rh8 23. Tf7) **21. Txd6 Cxb7 22. Bxb7 Tae8 23. Bc6 Te7 24. Ce5 g5 25. Bd7** (a perca de material é inevitável. Se 25... Tf6 26. Cd7 Tg7 27. Bxe6+, etc.) **1:0**

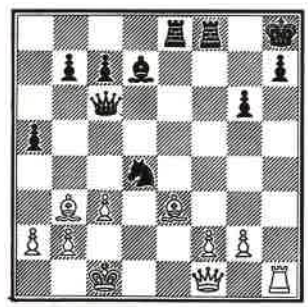
SOBREDA ANTUNES



PARA RESOLVER

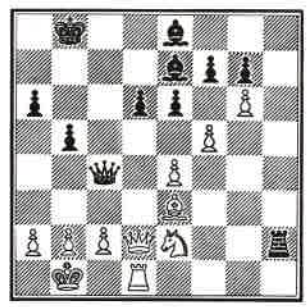
Combinações

46
STEINITZ - TCHIGORIN
Havana, 1898



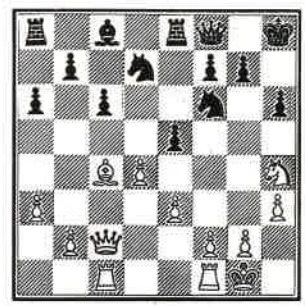
Jogam as brancas

47
TAL - KOBLENZ
Yurmala, 1976



Jogam as brancas

48
ENGELS - BUSTHENS
Manheim, 1935



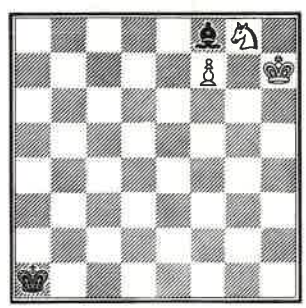
Jogam as brancas

Estudos e Finais

46
A. MANDELR
«Svobodne'Slovo» 1967

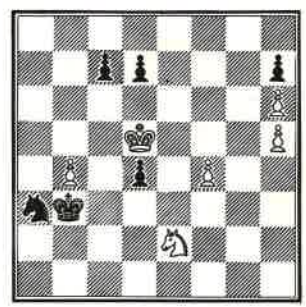
Jogam as brancas e ganham

47
V. I. TJAVLOVSKY
«Szachy» 1960



Jogam as brancas e ganham

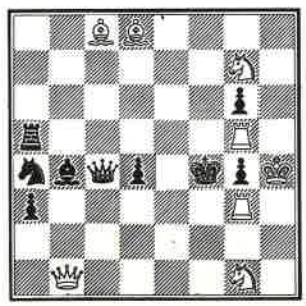
48
G. A. TEODORO
Camp. de Bucareste 1966



Jogam as pretas e empatam

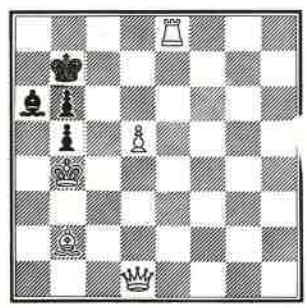
Problemas

46
N. PETROVIC
«The Problemist» 1947



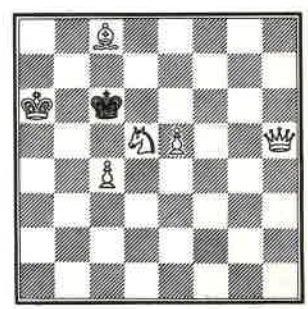
8+9 2++

47
H. MAYER
«Ill. London News» 1861



5+4 3++

48
A. CHÉRON
«Le temps» 1933



6+1 3++

(Soluções na pág. 89)